**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA**

DAYVIDSON LEÔNARD ALMEIDA LINARD

**FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E CULTURA POP: Batman e as virtudes
aristotélicas**

São Luís

2023

DAYVIDSON LEÔNARD ALMEIDA LINARD

**FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E CULTURA POP: Batman e as virtudes
aristotélicas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Leônard Almeida Linard, Dayvidson.

Filosofia, Educação e Cultura Pop : Batman e as virtudes aristotélicas / Dayvidson Leônard Almeida Linard.
- 2023.

51 p.

Orientador(a): José Assunção Fernandes Leite.
Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Batman. 2. Cultura Pop. 3. Educação. 4. Ética.
5. Filosofia. I. Assunção Fernandes Leite, José. II.
Título.

DAYVIDSON LEÔNARD ALMEIDA LINARD

**FILOSOFIA, EDUCAÇÃO E CULTURA POP: Batman e as virtudes
aristotélicas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Filosofia.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Professor (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão

Professor (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão

**São Luís
2023**

Dedico este trabalho em memória de meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos vários professores que contribuíram de forma direta ou indireta para a minha formação e para o presente trabalho. Agradeço aos amigos que fiz durante os meus anos na universidade, pelas graciosas e produtivas conversas. Agradeço também a todos os familiares que, de alguma forma, permitiram que este trabalho pudesse ser concluído diante dos mais diversos problemas.

RESUMO

O presente trabalho visa desenvolver um possível caminho de relacionar a filosofia com a cultura pop, transformando as histórias de super-heróis dos quadrinhos, filmes e outros meios midiáticos em recursos pedagógicos. Com isso, pretende-se incentivar o exercício da leitura, o interesse pela filosofia e contribuir para a boa formação ética dos estudantes. Utilizando a exemplificação de uma notória relação entre o super-herói Batman e a Ética aristotélica, baseia-se em fundamentos sólidos, como a formação educacional dos antigos gregos, o caráter sério que as histórias de super-heróis podem ter e, principalmente, em conformidade com as exigências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Espera-se, assim, contribuir para o enriquecimento da filosofia na educação básica.

Palavras-Chaves: Filosofia; Educação; Ética; Cultura Pop; Batman.

ABSTRACT

The present work aims to develop a possible path to relate philosophy to pop culture, transforming the stories of superheroes from comics, movies, and other media into pedagogical resources. The goal is to encourage reading, generate interest in philosophy, and contribute to the students' ethical formation. By using the exemplification of a notable relationship between the superhero Batman and Aristotelian Ethics, it is grounded on solid foundations such as the educational background of ancient Greeks, the serious nature that superhero stories can possess, and, most importantly, in accordance with the requirements of the BNCC (National Common Curriculum Base). The objective is to contribute to the enrichment of philosophy in basic education.

Keywords: Philosophy; Education; Ethics; Pop Culture; Batman.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2.	EDUCAÇÃO GREGA ANTIGA	9
2.1	EDUCAÇÃO GREGA ANTIGA: HOMERO.....	10
2.2	EDUCAÇÃO GREGA ANTIGA: ARISTÓTELES.....	12
2.2.1	A POLÍTICA: MÚSICA.....	14
2.2.2	A POÉTICA: TRAGÉDIAS.....	14
3	ARTE SEQUENCIAL E A FIGURA DOS SUPER-HERÓIS	17
3.1	ARTE SEQUENCIAL.....	17
3.2	A FIGURA DO SUPER-HERÓI.....	19
4	BATMAN E A ÉTICA ARISTOTÉLICA	21
4.1	ÉTICA ARISTOTÉLICA.....	22
4.1.1	FELICIDADE.....	22
4.1.2	VIRTUDE.....	24
4.2	BATMAN E AS VIRTUDES ARISTÓTELCAS.....	27
4.2.1	PRUDÊNCIA.....	28
4.2.2	MAGNIFICÊNCIA.....	29
4.2.3	CORAGEM.....	30
4.2.4	EDUCAÇÃO VIRTUOSA.....	32
4.2.5	AMIZADE.....	34
5	A BNCC E O ITINERÁRIO FORMATIVO FILOSÓFICO	37
5.1	ESTRUTURA.....	38
5.2	COMPETÊNCIAS GERAIS.....	39
5.3	CURRÍCULO.....	40
5.4	A BNCC E O NOVO ENSINO MÉDIO.....	40
5.4.1	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: FILOSOFIA.....	41
5.4.2	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES.....	41
5.4.3	ITINERÁRIO FORMATIVO FILOSÓFICO.....	43
5.4.3.1	MODELO.....	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Muito se discute tanto no meio acadêmico quanto fora sobre a necessidade de se pensar o "ensino da filosofia" partindo do contexto social dos estudantes, de sua realidade. Entretanto, nem sempre há apontamentos claros sobre como isso pode ser feito, bem como os meios e recursos que poderiam ser utilizados para tal finalidade. Por não haver apontamentos práticos no que tange a essa relação, muitas tentativas (quando há) tornam-se vãs, pois não apresentam os resultados buscados. Embora possam haver inúmeras incógnitas como possíveis causadoras recorrentes dessas falhas, há algumas que podem ser elucidadas com uma maior ênfase.

Por exemplo, o fato de a grande maioria dos alunos não possuir o hábito de praticar o exercício da leitura pode causar um empecilho nas tentativas de fazê-los ler textos filosóficos. Segundo uma pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro em 2019, intitulada "Retratos da leitura no Brasil", cerca de 52% de um total de 193 milhões de brasileiros consideravam-se leitores, enquanto 48% não se consideravam, quando comparados com 2015, quando 56% consideravam-se leitores e 44% não. Percebe-se um aumento no número de não leitores, sendo a pesquisa realizada com pessoas a partir de 11 anos de idade, incluindo estudantes. Além disso, de acordo com dados apresentados pelo PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) de 2018, realizado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em 79 países para medir o nível de aprendizagem em diversas áreas, revelou-se que a média de estudantes brasileiros em termos de proficiência em leitura ficou abaixo da média (413 de 550 pontos) de outros países, como Uruguai, México, Costa Rica e Chile (487).

Outro problema recorrente que se apresenta como uma das possibilidades das falhas nas tentativas de se trabalhar bem a filosofia é o "desinteresse". Uma pesquisa feita em 2022 pela Piva Educacional mostrou que 74,4% dos pais enfrentam problemas por conta da falta de interesse de seus filhos pelos estudos. Foram consultadas mais de 1.500 famílias com filhos entre 7 e 17 anos que responderam a um formulário. Como resultado, alguns dos principais fatores, segundo a pesquisa, que contribuem para o desinteresse são: "falta de motivação, dificuldades em entender a matéria e inexistência de propósito nos estudos".

Partindo desses problemas, buscou-se pensar meios de elaborar um possível caminho metodológico no que concerne a relação entre Filosofia e a realidade dos estudantes, fazendo uso de recursos não apenas estritos do saber filosófico, mas também do meio contextual, social dos estudantes. Além disso, segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), um dos objetivos

da área de ciências humanas e sociais aplicadas (onde encontra-se a filosofia, dado o atual parâmetro educacional do novo ensino médio), é que as aprendizagens sejam “sempre orientadas para uma formação ética.” (BRASIL, 2018, p.561). Tendo isso em vista, a presente pesquisa tem por finalidade fazer uma relação entre a Filosofia e algo que de fato se encontra no contexto da grande maioria dos estudantes, a figura dos “super-heróis”, presente nas histórias em quadrinhos, bem como outros meios midiáticos –com ênfase aqui, por meios de delimitação e exemplificação, o personagem “Batman”.

Ao relacionar características da ética aristotélica e a do super-herói, busca-se contribuir com quatro coisas: 1) mostrar a possibilidade de se relacionar a filosofia com objetos da cultura pop, como as histórias de super-heróis (sendo este o caminho prático apresentado como meio pedagógico de relacionar a filosofia com elementos presentes no contexto real dos estudantes); 2) incentivar o exercício da leitura (que tenderá a ser feito por meio da leitura das histórias em quadrinhos e trechos de textos filosóficos, para que seja possível efetivar essa relação); 3) contribuir para o interesse pela filosofia (pois, ao relacionar a filosofia com as histórias de super-heróis, foge-se de uma metodologia tradicional, que leva em consideração apenas a "filosofia em si" e nada mais, tornando esse método mais atrativo e necessário); 4) Contribuir para a boa formação ético-moral dos estudantes (as histórias de super-heróis possuem diversas semelhanças com a realidade, incluindo dilemas éticos, modos de conduta, estados de caráter, questões existenciais, entre outras coisas que podem ser relacionadas com a vida concreta e que podem contribuir de forma positiva para o caráter dos jovens).

Não basta apenas entender que é necessário, de fato, buscar relacionar práticas de ensino com os contextos sociais presentes no cotidiano dos estudantes. É também necessário buscar maneiras que possibilitem essa tão importante questão.

2 EDUCAÇÃO GREGA ANTIGA

De início, se buscará apresentar: primeiro, que os gregos antigos do período arcaico usavam “arquétipos” de inspirações providas principalmente dos poemas de Homero¹, imbuídos de determinados aspectos de “aretê” a serem seguidos; segundo, apresentar o ideal formativo de

¹ Homero (Séc. VIII-VII a.C), tido como um dos maiores poetas da antiguidade grega, autor de: "Ilíada" e "Odisseia", poemas épicos ou também chamados de “epopeias”.

Aristóteles², que elucida um novo tipo de formação educacional dos jovens para a vida em sociedade.

Para evidenciar duas coisas: primeiro, que em ambos os modelos educacionais o papel de determinadas formas de expressões artístico-culturais, como os poemas épicos (escritos ou cantados) e as tragédias (lidas ou interpretadas), mostrava-se indispensável como ferramentas no processo da formação educacional; segundo, que em ambos os modelos, arcaico e clássico aristotélico, a inspiração em ideias de aretê (primeiro excelência e depois virtudes, "areté"), mostra-se indispensável na formação do bom caráter.

Para Aristóteles, os seres humanos são essencialmente sociais (ARISTÓTELES, 2021, p.20), políticos em potencialidade, que tendem a associação. Disto, o caráter formador presente no papel da educação se mostra evidente e necessário para a construção do homem na sociedade, pois, para ele, apenas dentro do âmbito social (pólis) o homem pode desenvolver plenamente suas capacidades e potencialidades, fazendo uso da razão. Sendo necessário então, um olhar atento à educação, que está relacionada, por um lado, à identificação dos elementos culturais que devem ser assimilados, para que se tornem plenamente cidadãos, e, por outro, a descoberta das formas mais adequadas para alcançar esse objetivo.

2.1 Educação Grega Arcaica: Homero

Na formação do homem grego por meio da educação arcaica³, podem-se notar aspectos culturais assimilados e difundidos amplamente, tendo protótipos pré-estabelecidos como meio de inspiração na formação dos jovens para a vida adulta. Essas ideias são provenientes principalmente dos poemas épicos de Homero, nos quais os heróis se apresentam imbuídos de aretê, excelência em diversos aspectos.

Antes de mais nada, é necessário notar que, para entender os princípios da educação arcaica, é preciso recorrer primeiro às representações de aretê, e não de "Paideia", que é um conceito extremamente amplo. No entanto, ao longo da história antiga, os significados de aretê sofreram transformações conceituais.

² Aristóteles (384-322 a.C.) Nasceu em Estagira, foi discípulo do filósofo Platão e tutor de Alexandre Magno; autor de diversas obras, sendo as mais conhecidas: "Ética a Nicômaco" e "A Política".

³ Compreende-se o período arcaico: entre os séculos VIII e VI a.C.

Segundo Werner Jaeger, em sua extensa obra "Paideia: A formação do homem grego", para encontrar um caminho que remonte às origens da história da educação grega, é necessário recorrer primeiro ao conceito de aretê, pois:

Ao contrário do que à primeira vista se poderia julgar, não se pode utilizar a história da palavra paideia como fio condutor para estudar a origem da formação grega, porque essa palavra só aparece no século V. Esse é, sem dúvida, um mero acaso da tradição, e talvez pudéssemos atestar usos mais antigos, se descobríssemos novas fontes. Mas, evidentemente, nada ganharíamos com isso, pois os exemplos mais antigos mostram claramente que no início do século V a palavra tinha o simples significado de "criação dos meninos", em nada semelhante ao sentido elevado que adquiriu mais tarde, e que é o único que nos interessa aqui. O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de aretê, que remonta aos tempos mais antigos. (JEAGER, 2013, p.23)

De fato, é possível encontrar nos ideais formativos provenientes dos poemas de Homero a presença da possibilidade de emular o conteúdo da aretê aristocrática e guerreira. Essa aretê é assimilada como medida ideal representativa e formadora. No entanto, essa aretê não representa ainda a "virtude" propriamente dita, como nos gregos clássicos, mas sim excelência e superioridade, entre outras sinónimas. Trata-se, portanto, de um ideal formativo de homens superiores:

Tanto em Homero como nos séculos posteriores, o conceito de aretê é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos de raça. (Ibid. 2013, p.24)

Os poemas homéricos presentes em "Odisseia" e "Ilíada" serviram por séculos como ideais educativos. Por meio deles, fazia-se uso da rapsódia, que consistia na recitação de poesias memorizadas. O rapsodo era aquele que decorava e recitava os poemas. Esse processo tinha uma intencionalidade educativa, visando promover a admiração pelos heróis e suas proezas, buscando inspirar os jovens a seguir caminhos similares. Essa prática era o alicerce da educação aristocrática em Atenas (NUNES, 2017, p.3).

Embora em ambas as obras haja um ideal de homem a ser seguido, por meio do conceito de aretê, a concepção desse ideal difere entre as duas. Como mencionado anteriormente, em Homero, a aretê ainda não é compreendida como virtude, como é apresentada no período clássico:

(...), mas sim como excelência, superioridade, enfim, aretê designa um atributo próprio da nobreza, um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais, tais como: bravura, coragem, a força e a destreza do guerreiro, a eloquência e a persuasão, e, acima de tudo, a heroicidade, entendida como a fusão da força com o sentido moral. (FONSECA, 1998, p.5)

Na "Ilíada", entre os diversos personagens heroicos, destaca-se claramente a figura de Aquiles como o modelo de herói: nobre, valente, corajoso e além de ser um exímio guerreiro, ele é cortês, possui boas maneiras, é refinado e educado no convívio social. Aquiles é a própria personificação prototípica do ideal a ser seguido. “Mas se é em Aquiles que melhor se realiza este ideal, é evidente que não se chega lá espontaneamente, antes pressupõe uma educação apropriada” (Ibid. p.4).

Já na "Odisseia", a representação da aretê é ainda mais abrangente. Nela, Odisseu (Ulisses) é apresentado não apenas com bravura, coragem e força, mas também com astúcia, engenhosidade e inteligência, que o ajudam a superar situações complicadas durante suas aventuras de volta para casa. No entanto, mais uma vez, essas qualidades são desenvolvidas e aprimoradas apenas por meio da educação:

(...) Telémaco, filho de Ulisses, é o único jovem em formação e é a sua educação, que lhe é ministrada pela deusa Atena, disfarçada de Mentos ou Mentor, amigo e hóspede de seu pai, que o poema descreve logo no canto I, mais conhecido por Telemaquia. E graças a essa educação, Telémaco transforma-se: do jovem dócil e passivo do começo do poema, torna-se o príncipe consciente dos seus deveres, o companheiro de luta, valente e ousado que ajudará o pai, na sua vingança, a enfrentar os pretendentes de Penélope, sua mãe e fidelíssima esposa de Ulisses. (Ibid. p.6)

Dessa forma, pode-se observar que no período arcaico, com ênfase na formação proveniente dos poemas de Homero, a educação proposta se mostra intrinsecamente ligada a uma formação pelo exemplo. O caminho a ser trilhado no processo educacional consiste na inspiração proveniente dos contos heroicos e nos exemplos a serem seguidos. Imitar os heróis despertaria a emulação para se tornar um herói, um possuidor da excelência heroica, a aretê.

2.2 A educação Grega Clássica: Aristóteles

Durante a transição do período arcaico para o início do período clássico⁴, conhecido como a "era de ouro", surge a necessidade de uma renovação dos paradigmas da educação devido às novas demandas provenientes de um contexto emergente, o surgimento da democracia. Segundo Fonseca (1998 p.8): “(...) pelos fins da época arcaica, já este ideal tinha sido alargado: não bastava cobrir-se de honra e glória, como nos tempos homéricos, mas pretendia-se alcançar a excelência tanto no plano físico como no plano moral”.

⁴ Compreende-se: final do século VI estendendo-se ao século IV a.C.

Agora, o ideal arcaico de aretê, relacionado à honra e coragem, já não era suficiente para a formação integral do homem da pólis, especialmente o ateniense. É nesse período que o conceito de "Paideia" ganha destaque, deixando de ser apenas a "criação de meninos" e passando a ser compreendido de forma mais abrangente, como à formação integral dos jovens para a vida em sociedade. No entanto, é importante ressaltar que essa compreensão é ainda bastante reduzida, pois o termo em si representa muito mais do que um conceito, é um processo inserido em um contexto histórico.

Aristóteles é um dos filósofos do período clássico que aborda o tema da educação, se a Paideia Aristotélica pudesse ser resumida em uma única frase, com certeza seria: “educação (formação) para a cidadania”. Isso se dá, pois, o filósofo, “vê o homem unicamente como cidadão, membro da pólis, o que significa situar os atributos do indivíduo sempre em função do bem de sua cidade, único horizonte dos valores humanos” (PAGNI, 2007, p.70).

Para François Stirn, Aristóteles vê o projeto educacional como algo bastante sério, pois ela se mostra no “(...) progresso ético rumo a autoconstituição do ‘eu’, pela aquisição das virtudes éticas e progresso político mediante a aquisição das virtudes cívicas (aprender a preferir o interesse geral aos interesses particulares)” (STIRN, 2022, p.70). Nesse sentido, o aprendizado das virtudes e a formação do caráter moral se mostram extremamente essenciais, ocupando um lugar central, pois busca-se formar um bom cidadão para a vida na pólis, já que a relação entre ambos é indissociável.

A educação nas virtudes morais se dá por meio do hábito contínuo, sendo necessário, portanto, ensinar os jovens a trilhar o caminho dos hábitos virtuosos. Esses hábitos não são alcançados da noite para o dia, nem são uma finalidade em si, mas sim um processo constante, como bem resume Giovanni Reale⁵: “Portanto, o homem é, em potência, um ser naturalmente dotado da capacidade de construir virtudes éticas, o que se torna ato mediante a prática de exercê-las.” (REALE, 2002, p.413).

A respeito da ética das virtudes de Aristóteles, propriamente, encontra-se abordado no capítulo quatro, por agora, se buscará apresentar os meios artístico-culturais (como recursos

5 Giovanni Reale (1931-2014) foi um renomado filósofo italiano, especializado em filosofia antiga. Ele nasceu em Candia Lomellina, na Itália, e dedicou grande parte de sua vida acadêmica ao estudo e à difusão do pensamento dos filósofos gregos clássicos, como Platão e Aristóteles

pedagógicos) apontados por Aristóteles, de caráter necessário no processo educacional no que tange a formação concreta dos jovens sobre o preparo para vida na Pólis.

2.2.1 A Política: Música

No livro VIII da obra “A Política”, o filósofo se debruça sobre a educação da cidade, para ele, ela deveria ser de caráter público, afirmando que o legislador deveria voltar sua atenção de forma centrada para ela, pois, “negligenciar a educação é promover grandes danos à constituição” (ARISTÓTELES, 2017, p.277).

Do capítulo III ao V, trata exclusivamente sobre um dos ramos mais comuns da educação da época, a música. Partindo da questão se há a necessidade de ensinar essa forma de expressão artística na formação dos jovens. Vale ressaltar, que nesse contexto, a música não tinha o sentido estrito atribuído na atualidade, ela “estava relacionada com as atividades presididas pelas Musas: poesia, drama, história, oratória, e também, claro está, música no sentido restrito” (FONSECA, 1998, p 9). Para Aristóteles, a música para além do entretenimento prazeroso, poderia ser uma ferramenta na formação dos jovens, pois “alegra o coração dos homens, e por esse motivo, podemos supor que os jovens devem ser educados na música” (ARISTÓTELES, 2017, p.285), mas, para além disso, ela ajudaria na formação do caráter, pois, traz consigo, o hábito (éthos) de sentir prazer ou sofrimento, da mesma forma que é experienciada na realidade, “por outro lado, nas mais simples canções há uma imitação de caráter” (ibid., p.286).

O filósofo também discorre rapidamente sobre a observação da beleza, usando o exemplo de uma estátua, afirmando que: “com a observação da beleza da estátua, é certo que a visão da pessoa real que inspirou a obra causará prazer, (...) nos objetos visíveis existe um pouco dessa afinidade, pois há figuras que transmitem caráter moral, ao menos, até certo limite” (ibid., p.286). Disso, ele já iniciava a tratar o que é abordado em sua obra: “A Poética”, que assim como a música, outras formas de expressões artísticas também possuem características formadoras de caráter, por conta de sua imitação da realidade, a exemplo, as tragédias. Podendo então, serem ferramentas auxiliares na formação dos jovens.

2.2.2 A Poética: Tragédias

Em “A Poética”, Aristóteles trata de diversos temas sobre as epopeias, tragédias e as comédias. Dentre elas, as tragédias em específico são consideradas pelo autor, relevantes para o

aprendizado no tocante a formação do caráter, pois se tratam de um ponto de imitação (mimeses), partindo da verossimilhança, ou seja, sobre como as coisas poderiam ser. Além disso, ele afirma que elas são derivadas das antigas poesias épicas, “A epopeia foi acompanhada pela tragédia até por seguirem um metro e pelo argumento, por ser a imitação dos homens sérios” (ARISTÓTELES, 2015, p.25).

Para ele, a criação artística é um processo mimético, tanto da natureza, como da realidade concreta das relações humanas, já que, “as coisas vêm à existência ou pela natureza (physei), ou por arte (technè), ou ainda por acaso (apo tautomatou)” (STIRN, 2022, p.64). É importante ressaltar que a ideia de mimeses em Aristóteles é uma contraposição à de Platão (427-347), que discutiu e criticou algumas formas de arte, bem como as tragédias apenas como “tecnhé”, ou trabalho artesanal qualificado.

Platão criticava todas as imitações, incluindo as tragédias, por não serem capazes de retratar as realidades ideais eternas (formas ou ideias). Em vez disso ofereciam meras imitações de coisas em nosso mundo, as quais, por sua vez, eram cópias das ideias. A tragédia confunde os espectadores no que concerne os valores: se os personagens bons sofrem derrocadas trágicas, isso nos ensina que a virtude nem sempre é recompensada. E por isso no livro X de sua famosa República, Platão propôs excluir a poesia trágica do estado ideal. (FREELAND, 2019, p. 41)

Aristóteles defende as tragédias na “A Poética”, onde argumenta que a imitação é algo natural, apreciada pelos humanos desde a infância e que inclusive aprendem com ela: “Pois a imitação é natural dos homens, desde a infância, e isso os difere do demais animais, porque é o mais imitador, e aprende, pela imitação, as primeiras coisas, e todos têm prazer com as imitações” (ARISTÓTELES, 2017, p. 22).

As artes tendem a ser análogas à natureza, pois, em ambos os casos os meios usados são subordinados aos fins visados, por exemplo, a arte da medicina: naturalmente uma ferida tenderia a cicatrizar só, entretanto, um médico poderia fazer uso de meios como medicamentos para acelerar esse processo, ambos possuem a mesma finalidade, embora usem meios diferentes. De um contexto amplo, levando em conta a atual concepção de arte e retornando a Aristóteles, pode-se notar que para ele, “todas as artes imitam transformando, e não só as epopeias e as tragédias consideradas na Poética. (...). A música é a representação direta das emoções da alma: ela só exprime os sentimentos pondo-os em forma diferentemente segundo os modos músicas” (STIRN, 2011, p 65).

Se as tragédias são resultado de um processo mimético, que tipo de imitação é essa? Aristóteles apresenta a resposta:

Então, a tragédia é uma imitação de uma ação séria e completa, com alguma extensão; em uma linguagem tornada agradável, separada de cada uma das suas espécies nas suas respectivas partes, com atores atuando, não por uma narrativa, e que realiza, pelo temor e pela piedade, a catarse de tais emoções. (ARISTÓTELES, 2015, p.24)

Sendo elas, “(...) uma imitação não de homens, mas de ações e de vida, e felicidade ou infelicidade está nas ações, e sua finalidade é uma ação, e não uma qualidade; mas conforme os caracteres os homens têm certas qualidades, e de acordo com as suas práticas, são felizes ou o contrário” (ibid. p.27). Disso, pode-se notar que Aristóteles entendia que a tragédia poderia educar partindo da apelação aos pensamentos, sentimentos e sentidos das pessoas, “Se uma tragédia mostra como uma pessoa boa enfrenta a adversidade, evoca uma purificação ou ‘khatarsis’ por meio de emoções de medo e comiseração” (FREELAND, 2019, p.42).

Disso, chega-se então ao ponto central da defesa de Aristóteles em atribuir a essas expressões artístico-culturais um lugar fixo em sua paideia. A exemplo das tragédias, elas deveriam suscitar nos espectadores (ou leitores, quando apenas se lê o enredo do poema) "temor e piedade", onde logo após, haveria a "purificação catártica" de suas almas dessas mesmas paixões, chegando ao prazer. Nesse contexto, o temor seria o medo de cair nas mesmas ou em desgraças similares sofridas pelos "heróis trágicos"; e a piedade seria a compaixão diante daquele que sofre uma desgraça sem merecê-la. Nota-se que:

(...) para compadecer-se do sofrimento alheio, sofrendo com as desgraças e reverses da personagem sobre o palco, ele tem de estabelecer uma mínima identificação simpática com este último, e, para sentir-se intimidado com tais infortúnios, como se estivesse também ele, na iminência de passar pelas mesmas provocações, deve colocar-se, por assim dizer na pele do protagonista. (MORAES, 2012, p.43)

Trata-se de entender que independente da impossibilidade dos acontecimentos, ainda assim, por meio da persuasão da tragédia o espectador reflete, pensa: “e se fosse comigo? ”, “passei por algo similar”. Sendo as tragédias derivadas das poesias épicas (segundo Aristóteles), observa-se que até mesmo os heróis e semideuses, ainda que inigualáveis, também estavam sujeitos aos erros e deslizes mais comuns aos seres humanos.

Para Moraes (2012, p.44), “Não se trata, para Aristóteles, de impactar pura e simplesmente o espectador, conduzindo-o a um estado de choque”, ou seja, ao ter sentimentos de temor e piedade, o espectador ou leitor, deveria ser levado a uma profunda e íntima reflexão sobre os acontecimentos que experienciou tanto na tragédia, como em uma relação quanto à sua realidade. “A catarse não é um transe, no qual se anseia pelo cego desenfreamento de impulsos e no qual o espectador se compraz na simples alienação de sentimentos” (ibid., p.46), ela é o momento

que se faz no processo da reflexão sobre as coisas vivenciadas pelos “personagens”, que representam pelo seu caráter mimético, coisas relativas à vida. Ensinando que pensar e sentir, podem ser compatíveis.

Disso, o caráter pedagógico dessas expressões artístico-culturais mais uma vez se evidencia, pois, segundo o filósofo, a partir do contato com essas experiências, seria possível extrair lições e reflexões importantes para a formação do caráter moral dos jovens (mas não apenas), visando a finalidade de formar um bom cidadão.

Portanto, torna-se evidente que desde a antiguidade grega, tanto na era arcaica como na clássica, o caráter pedagógico de determinadas expressões artístico-culturais era indispensável nos ideais educacionais que visavam à boa formação. Isso ocorria principalmente por meio do processo mimético, seja pela emulação de ideais de aretê, seja pela mimese presente nas tragédias, que imitavam ações e paixões tanto da natureza quanto das relações humanas. Era possível extrair de ambas, características importantes para a formação do caráter e a preparação para a vida em sociedade. Com isso, assegura-se uma base histórica, pedagógica e filosófica referente ao uso de expressões artísticas presentes nos meios culturais como possíveis ferramentas no processo de formação educacional.

3 ARTE SEQUENCIAL E A FIGURA DOS SUPER-HERÓIS

3.1 Arte Sequencial

Ver-se-á agora algumas das novas formas de expressão artística provenientes da atual cultura popular (cultura pop), que foram abordadas nesta pesquisa como possíveis ferramentas pedagógicas auxiliares no ensino da filosofia. Buscou-se dar ênfase, por meio de exemplos, nas relações entre a filosofia aristotélica, mais especificamente a ética das virtudes, e o super-herói Batman, presente nas histórias em quadrinhos, filmes e outros meios midiáticos. Primeiramente, é necessário explorar o que são propriamente as histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como "Arte Sequencial", e suas derivações, para posteriormente adentrar no que representa a figura do herói ou do super-herói.

Na atualidade, as histórias dos contos heroicos antigos e dos "heróis trágicos" ainda existem. No entanto, não se trata apenas de heróis com possíveis poderes divinos ou que compartilham de uma trajetória dolorosa com uma ascensão. Existem também novos super-heróis, alguns com poderes, outros não, ambos se apresentando em contextos diferentes. Estes

últimos são frutos da cultura pop. Não há como andar na rua e não ver alguém com uma camisa estampada com algo relacionado às histórias de super-heróis, sem contar os diversos outros milhares de itens com seus rostos, frases, fantasias e símbolos. Para William Irwin (2005), “Um dos mais notáveis desenvolvimentos na cultura pop da atualidade é o forte ressurgimento do super-herói como ícone cultural e de entretenimento. (...) Este é um mundo dos quadrinhos” (p.9).

Considerados A Nona Arte, “As histórias em quadrinhos (HQ’s) são uma sequência de desenhos que vão formando uma série de acontecimentos para contar uma história” (WESCHENFELDER, 2022, p.16). Os desenhos são complementados pelas cores, balões de fala, pensamentos dos personagens, legendas, entre outros elementos. Elas são conhecidas também por "Arte Sequencial", esse termo foi cunhado por Will Eisner em seu livro "Quadrinhos e Arte Sequencial", publicado em 1985, onde ao decorrer da obra destaca em diversos pontos a singular estética da arte sequencial, que é uma forma criativa e artística de dispor figuras, imagens e palavras para narrar histórias ou expressar ideias, sendo a modalidade artística que melhor utiliza a disposição de imagens em sequência para contar uma história ou transmitir informações visualmente.

A leitura de imagens é uma atividade que requer o compartilhamento de experiências, embora algumas vezes o texto possa estar oculto, ele sempre se faz presente nesse tipo de arte. Para McCloud (1995), as imagens sem palavras, apesar de parecerem uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, exigem uma certa sofisticação por parte do leitor ou espectador, pois representam a experiência comum e um histórico de observação que são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos das obras. Segundo Eisner (2010), os quadrinhos são a melhor representação das artes sequenciais, pois combinam palavras e imagens, desafiando o leitor a exercer suas habilidades interpretativas visuais e verbais, pois os quadrinhos utilizam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. No entanto, essa combinação única de duas formas distintas, palavra e imagem, não é algo tão novo, para Weschenfelder (2022, p.17) “A arte sequencial é algo tão antigo quanto a comunicação humana. Melhor dizendo, ela inicia a primeira forma de comunicação humana”, pode-se observar esse tipo de arte sequencial desde o período Paleolítico, com pinturas em sequência que contavam histórias, sobre caças, animais e elementos da natureza.

Para McCloud (1995 p.13), ao longo da história cultural humana, pode-se encontrar outros exemplos dessa forma de expressão, como as pinturas e hieróglifos egípcios, que

combinavam desenhos e escrita, para mostrar por exemplo, o plantio e cultivo, além das pinturas sacras nos templos egípcios. Outro exemplo interessante na história, ainda em McCloud (1995, p.10), é de “uma peça da história épica contida num manuscrito em imagens pré-colombianas ‘descoberto’ por Cortés em torno de 1519”, esse manuscrito era composto por uma tela brilhante e colorida que retratava sobre a história de um herói militar com garras de tigre; nele, o entendimento se tornava possível por conta da sequência de imagens que contavam a história.

Além disso, esse tipo de arte sequencial também se mostra nos vitrais dos templos católicos, que contam histórias, como por exemplo, o nascimento, morte e ressurreição de Cristo. Observa-se que esse tipo de arte se expressa de diversas maneiras ao longo da história, chegando até a atualidade com a criação das histórias em quadrinhos, tal como se conhece hoje, que representam a popularização dessa forma de fazer arte. Além disso, é importante ressaltar que o termo "arte sequencial" pode ser aplicado a outros meios, como filmes, séries de TV, animações, etc.

3.2 A Figura do Super-herói

Tanto os quadrinhos como os filmes, são excelentes exemplos de arte sequencial, e por esse formato de se fazer arte, se popularizou de forma exponencial a figura dos super-heróis. Com os quadrinhos, desde 1930, e pelos filmes, com a explosão cinematográfica da virada do século, e que até hoje lotam cinemas e apresentam os maiores índices de bilheterias, além claro, do alto consumo nas plataformas de streaming.

A figura dos super-heróis tornou-se notável e parte integrante da linguagem e da vida cotidiana de maneiras impressionantes. Esses personagens fictícios ganharam um lugar especial na cultura popular e se estabeleceram como ícones que transcendem as páginas dos quadrinhos e as telas de cinema. Diante desse fenômeno cultural, torna-se necessário reconhecer sua notoriedade, pois eles se tornaram parte do imaginário coletivo e exercem uma influência significativa em diversos aspectos da sociedade atual, fazendo parte da realidade cotidiana da grande maioria das pessoas. Mas por que essas histórias cativam tanto a atenção da maioria popular de todas as idades? Responder a essa questão não é uma tarefa fácil, mas que, entretanto, pode haver possíveis apontamentos.

Os super-heróis são figuras que cativam a imaginação das pessoas, muitas vezes, independentemente das idades, desde crianças até adultos, os personagens envolvem a atenção

do telespectador ou do leitor em diversas narrativas emocionantes, nas quais enfrentam desafios, além de participarem de dilemas morais, como as dicotomias entre bem e mal, justiça e injustiça, sendo um fato que essas histórias possuem caráter inspiracional, e reflexivo, como aponta William Irwin:

As melhores histórias em quadrinhos de super-heróis, além de divertimento, introduzem e abordam de forma vívida algumas das questões mais interessantes e importantes enfrentadas por todo ser humano – questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e as emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido da nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspereza do mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma família, as virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas importantes. (IRWIN, 2005, p.11)

As melhores histórias de super-heróis evidenciam temas que sempre estiveram presentes aos seres humanos, o caráter mimético das relações cotidianas são explorados das mais diversas formas, e nesse âmbito, há figuras representativas centrais, os super-heróis.

O que é ser um super-herói, o que o diferencia de uma pessoa normal? Uns dizem que são as roupas coloridas, com capas e acessórios, como o cinto de utilidades do Batman, ou pelos nomes compostos, como "Homem-Morcego". Outros acreditam que é apenas pelo simples fato de terem superpoderes ou por serem inabaláveis. Antes de entender o que significa ser um super-herói, é preciso entender o que significa ser herói. Ao buscar nos dicionários as definições de "herói", bem como seus sinônimos, encontramos a referência a algo derivado de significados gregos, como "homem com grandes qualidades", "semideus" e "extraordinário por feitos guerreiros e nobres". No entanto, para William Irwin, o significado de herói se apresenta não apenas como uma definição, mas também como algo observável no próprio cotidiano. Assim como nos quadrinhos, onde existem heróis sem superpoderes, na vida real também há:

Os heróis que vivem e trabalham à nossa volta todos os dias incluem bombeiros, policiais, médicos, enfermeiros e professores. As pessoas nesses empregos geralmente transcendem o interesse próprio normal, colocando os interesses e as necessidades dos outros em primeiro lugar na lista de suas prioridades. (Ibid. p.25)

Embora lutem pela saúde, segurança e educação, muitas vezes não se imagina que essas pessoas como heróis e heroínas. No entanto, suas contribuições são tão importantes e nobres quanto se pensa. Em uma cultura permeada por interesses próprios e individuais, ter pessoas que lutam e fazem sacrifícios pelos outros torna-se digno de ser considerado heroico. Mas não é apenas isso. Pode-se entender que uma mãe que fica em casa cuidando dos filhos da melhor maneira possível pode ser uma heroína, assim como qualquer pessoa que defende o bem e o que é certo contra as forças contrárias pode ser vista como heroica. Além disso, alguém que luta

contra uma doença, como o câncer, por exemplo, pode ser considerado um herói. Disso, algumas coisas se evidenciam em relação a essa definição de herói: ele é aquele que age com uma nobre finalidade, refletida em suas ações.

Partindo disso, pode-se entender os super-heróis das histórias em quadrinhos de uma forma interessante, pois destacam-se não apenas por suas roupas, poderes ou habilidades, mas também por suas capacidades altruístas. Estão prontos para sacrificar tanto a si próprios como coisas importantes para eles, visando preservar o bem-estar geral e agir pelo que é certo e pelo bem. “E é assim que obtemos nosso conceito de um super-herói. Um super-herói é um herói com poderes sobre-humanos, ou pelo menos habilidades sobre-humanas, ou que se desenvolveram a um nível sobre-humano.” (ibid., p.26). Eles são indivíduos com pontos fortes e fracos, com boas condutas morais, sendo possuidores de caráter nobre que os leva a fazer atos considerados dignos.

Entretanto, é necessário também salientar que é um engano pensar que os super-heróis são seres totalmente perfeitos, imbuídos apenas de luz, pois seu caráter psicológico é semelhante, senão igual, ao dos humanos na vida real. “Pode haver trevas em um personagem, além de luz, como acontece com toda a vida humana; mas essas trevas precisam ser refreadas pelo bem e pelo nobre, ou sairemos do reino do verdadeiro super-heróico” (ibid. p.26).

Pois mais uma vez, as obras se personificam seguindo um caráter mimético, representativo, os super-heróis são as possibilidades das quais poderíamos ser, de acordo com a verossimilhança. O próprio Aristóteles dizia que se preferível uma história “fictícia”, mas persuasiva no processo da formação do bom caráter, do que uma que segue totalmente a realidade, mas que não convence, “é de preferir o impossível que persuade ao possível que não persuade” (ARISTÓTELES, 1993, p.143).

4 BATMAN E A ÉTICA ARISTOTÉLICA

Visto que as histórias de super-heróis presentes nas HQs, filmes, séries, etc., são genuínas expressões artístico-culturais de nosso tempo - consideradas a nona arte (quadrinhos) e sendo chamadas de "arte sequencial" (termo técnico) - e tendo em vista que nelas podem abordar questões sérias além do entretenimento, é necessário considerar seu uso como ferramentas pedagógicas. Isso se deve não apenas ao seu caráter artístico, mas também às possibilidades de gerar inspirações e reflexões sobre diversas questões relacionadas à vida. Além de que,

“pouquíssimas pessoas percebem que elas também merecem atenção seria intelectual, por suas fascinantes apresentações de temas e ideias com profundidade filosófica.” (IRWIN, 2005, p.11).

Deve ser feita uma análise filosófica da relação entre a figura dos super-heróis e a filosofia, que será realizada por meio de um olhar aristotélico em relação à sua ética das virtudes e à conduta do super-herói "Batman". É necessário, portanto, antes de elucidar essa relação, abordar adequadamente a ética das virtudes aristotélica, de modo que o entendimento em relação a essa relação posterior seja melhor entendida.

4.1 Ética Aristotélica

Para Aristóteles a ética (derivada de *éthos*: costume, hábito; e *êthos*: caráter) diz respeito à conduta racional dos seres humanos. Ela é uma ciência prática (*práxis*) relacionada a ação individual, que implica também em ações interindividuais, para com os outros, pois com isso, ela caminha rumo à uma ciência prática maior, a saber, a política (*politikós*), já que o filósofo vê o ser humano (*ánthropos*) em sua essência como um animal político (*zoon politikón*), um ser da cidade (*Pólis*). Para Edson Bini⁶, na apresentação de “Ética a Nicômaco” (2014, p.7), “Aristóteles analisa o ser humano enquanto tal, corpo e alma, estabelecendo a busca do que é a felicidade (*eydaimonía*), questão fundamental que o conduz ao exame de soluções alternativas, exame que envolve questões subsidiárias”. Essas questões subsidiárias são discorridas por Aristóteles ao decorrer de suas argumentações na obra, tais como abordadas adiante, mas de antemão, trata-se das relações entre os meios de se alcançar a felicidade, a saber, a virtude (*areté*, excelência do caráter humano), indissociável de ações (*práxis*) e paixões (*phatós*).

4.1.1 Felicidade

Na “Ética a Nicômaco”, Aristóteles inicia partindo da premissa de que toda ação, toda escolha, têm um objetivo específico que é considerado um bem (*agathós*). Por exemplo, “a finalidade da medicina é a saúde, a da construção de navios é o navio, a da estratégia é a vitória, a da economia doméstica é a riqueza” (ARISTÓTELES, 2014, p. 45), disso, o filósofo entende que a finalidade (*télos*) para o qual todas as coisas tendem é o bem, sendo a felicidade o maior bem para os seres humanos.

⁶ Consagrado tradutor de filosofia; tradutor de: “Ética a Nicômaco”, pela editora Edipro (2014).

Podem existir coisas que são desejáveis por si, mas que fazem parte de outras, como as virtudes, o conhecimento e o prazer. A felicidade, no entanto, é desejável por si mesma e como finalidade última, que não pode ser o meio para se alcançar alguma outra coisa:

Ora, a felicidade acima de tudo o mais, nos ocorre como tal, uma vez que sempre escolhemos por ela mesma e jamais como um meio para algo mais, enquanto a honra, o prazer, a inteligência e todas as virtudes, embora as escolhemos por elas mesmas (visto que deveríamos estar contentes por possuímos cada uma delas, ainda nada delas decorresse), também as escolhemos em vista da felicidade na crença de contribuirão para sermos felizes. (Ibdi, p.45, 1997b1).

O filósofo apresenta várias características desse sumo bem: ele é autossuficiente, torna a vida carente de nada, desejável, contínua e duradoura, entre outras coisas. No entanto, surge uma questão: o que seria propriamente a felicidade? Visto que muitas pessoas podem compreendê-la de diferentes maneiras, alguns equiparando-a à alegria, outros à riqueza e assim por diante, não há consenso sobre o seu significado. Na verdade, a vida boa pode ser vivida de muitas maneiras distintas, como dedicar-se ao prazer, ao aprendizado, ao sucesso, etc.

Diante disso, Aristóteles questiona qual forma de vida pode ser considerada a melhor e superior. A resposta que ele apresenta pressupõe, em primeiro lugar, que o homem tem uma função específica que o distingue de outros animais e formas de vida. Essa distinção parte da racionalidade e do seu exercício: “(...) então, a função do ser humano é o exercício das faculdades da alma em conformidade com a razão ou não dissociativamente da razão” (ibid., p.59. 1998a1). Assim, o estilo de vida mais elevado para ele seria dedicado a uma vida de estudos e contemplação filosófica. Nesse sentido, deveria cumprir as funções próprias de um ser humano, em conformidade com as virtudes.

Entretanto, isso significa que apenas pessoas que dedicam sua vida à contemplação da "verdade", do conhecimento, podem ser felizes? O filósofo diz que não, pois a felicidade não é adquirida apenas no final da vida ou após a morte, nem em um momento específico e único. Ela é uma atividade (enérgeia) que se manifesta por meio do exercício constante dos bons hábitos e das virtudes, pela "práxis", pelo fazer constante da vivência ética, e não apenas pela contemplação. “A resposta à pergunta que estamos fazendo também é evidente pela definição da felicidade, porque já afirmamos que a consideramos como um certo tipo de atividade virtuosa da alma. ” (ARISTÓTELES, 2021, p.25). Alguém que dedica seu tempo a viver de modo virtuoso, justo, nobre, de forma sábia, evitando cair em vícios, pode também tornar-se digno de felicidade:

Com efeito, nenhuma das funções humanas possui a permanência que possuem as atividades em conformidade com a virtude, as quais parecem ser ainda mais duradouras do que as próprias

ciências. E entre essas atividades, aquelas que são as mais valiosas são as mais duradoras, porque de maneira mais plena e contínua preenchem as vidas dos bem-aventurados. (...), portanto, [o ser humano] terá essa estabilidade feliz enquanto viver. De fato, estará sempre, ou acima de tudo o mais ocupado em realizar e especular aquilo que é conforme a virtude. (ARISTÓTELES, 2014, p.68, 1100b1-20)

4.1.2 Virtude

Entendido que a felicidade é uma atividade conforme a virtude, cabe compreender o que é a virtude, que é um dos aspectos mais importantes e significativos da ética aristotélica. No livro II da “Ética a Nicômaco”, Aristóteles escreve que ela é de dois tipos, intelectual e moral:

A intelectual, via de regra, deve seu nascimento e seu desenvolvimento à educação. Por esse motivo, exige experiência e tempo. Já a virtude moral (ethiké) é adquirida pelo hábito (ethos), (...) assim, nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza; pois nada que existe por natureza pode criar um hábito contrário à sua própria natureza. (ARISTÓTELES, 2021, p.35).

As virtudes intelectuais compreendem a sabedoria filosófica, o entendimento e a prudência (sabedoria prática). As virtudes morais compreendem a generosidade, a moderação, a coragem, entre outras. As virtudes podem ser aprendidas, no entanto, é preciso praticá-las, pois não basta saber o que são, é necessário agir de acordo com elas. Sendo assim, segundo Aristóteles:

A virtude, então, é uma disposição ou estado de caráter relacionada com a escolha e que consiste no comedimento, ou seja, no meio-termo em relação a nós, sendo este determinado por um princípio racional próprio do homem possuidor de sabedoria prática. Trata-se de um meio termo entre dois vícios, um relacionado ao excesso e outro relacionado à falta; e é meio-termo porque os vícios ficam aquém ou excedem o que é certo em relação às paixões e às ações, ao passo que a virtude escolhe meio-termo. Desse modo, quanto à sua substância e a definição de que afirma sua essência, a virtude é comedimento, moderação; em relação ao sumo bem e ao mais justo, no entanto, trata-se de um extremo. (Ibid. p.45)

Isso significa que agir virtuosamente requer uma disposição de caráter, ou seja, estar disposto a agir de forma virtuosa, que consiste no meio-termo entre dois vícios que estão relacionados às ações e paixões, “eu me refiro à virtude moral, pois esta diz respeito às paixões e ações nas quais existe excesso e deficiência ou mediana” (ARISTÓTELES, 2012, p.92, 1106b1-15). Para que se fique mais claro, há de se entender esses conceitos em uma determinada ordem, começando pelo que significam ações e paixões.

Foi-se dito que a ética diz respeito ao estudo das ações humanas, sua conduta, pois a moralidade está ligada às escolhas que se faz, e chama-se as ações de voluntárias quando resultam de um processo de pensamento racional de livre escolha, como escreve Aristóteles:

Sendo evidente, porém, que somos os autores de nossas próprias ações e incapazes de fazê-las remontar a quaisquer outros princípios-fundamentos que não sejam aqueles dentro de nós mesmos, estamos autorizados a concluir que as ações cujos princípios-fundamentos residem em nós, elas próprias, dependem de nós e são voluntárias. (Ibdi, p.120, 1113b1-20)

Disso, pode-se entender que as ações são as atitudes realizadas em sua concretude, o verdadeiro valor da “práxis”, o agir efetivo. Essas ações podem ser voluntárias ou involuntárias, sendo importante que o homem temperante assuma apenas ações voluntárias, fruto de deliberação e prudência. Por outro lado, as paixões ou emoções são os sentimentos e impulsos que podem afetar as ações. Essas paixões podem ser, por exemplo, o medo e a raiva, que podem ser tão fortes a ponto de influenciar a tomada de decisões morais e, conseqüentemente, o agir ético, que deve ser temperante.

As ações e paixões também se relacionam com o prazer (hedonèn) e a dor (lýpen). “O prazer e a dor, com efeito, estendem-se ao longo da existência inteira e exercem peso e influência relativamente à virtude e à vida feliz, visto que os seres humanos elegem o prazeroso e esquivar-se do doloroso” (Ibdi, p.357-1172a1-20). Estando o prazer de modo geral, na justa-medida e a dor na intemperança. Por exemplo, uma ação relacionada à alimentação: se alguém come na medida certa, sente prazer em saciar-se. No entanto, se come pouco ou não come nada, sentirá a dor relacionada à privação. Da mesma forma, se comer em excesso, sentirá a dor por ter excedido, chegando ao extremo do excesso.

Outro elemento é o “estado (ou disposição) de caráter”, se as virtudes são adquiridas pela prática constante de bons hábitos, segundo a vontade dos indivíduos, deve-se então estar disposto a agir virtuosamente. Logo, o estado de caráter caracteriza-se como a representação da vontade disposta para agir conforme a virtude ou os vícios, no que tange as ações e as paixões. Já que estas, relacionam-se com prazer e dor, “nossos estados têm como indício o prazer ou a dor que acompanha nossas ações” (ibid. p.85, 1104b1-5). Para Aristóteles a virtude moral diz respeito aos prazeres e as dores, pois é devido a busca (errônea) pelo prazer, por exemplo, que se realiza ações vis, e às dores, que evitasse atos nobres. “Ademais, se as virtudes têm a ver com ações e paixões e toda paixão e toda ação são acompanhadas por prazer e dor, é por isso também que a virtude diz respeito ao prazer e à dor” (ibid. p.86, 1104b1-15).

A virtude é relacionada com outro conceito importante, o “meio-termo” (mediana; justa-medida), que é relativo à dois extremos considerados vícios. Entretanto, esse meio-termo não é

entendido de modo literal, aritmético, muito menos em todos os casos, é o mesmo para todos, como uma régua universal de medida.

Por exemplo, é possível que alguém que esteja receoso ou confiante, sinta desejo, ira, ou compaixão e experimente prazer e dor em geral, em excesso ou deficientemente e em ambos os casos, indevidamente, ao passo que experimentá-los oportunamente, em relação as coisas certas, para o propósito certo e de maneira certa corresponde à justa medida (mediana) a qual é a marca da virtude. (Ibid. p.92. 1106b1-20)

Uma leitura apressada da obra faria o leitor pensar que agir em um determinado "excesso" o faria ser intemperante, quando, na verdade, Aristóteles afirma que dependendo do momento, podem haver mudanças nesse "pêndulo". Isso significa que o meio-termo em relação às ações e paixões pode variar, e a decisão sobre isso cabe ao próprio indivíduo, quando usa sua razão, age com prudência e deliberação. Isso implica em um meio-termo subjetivo. Por exemplo, a quantidade justa de alimento diário para um atleta olímpico pode ser um grande excesso para uma pessoa que não pratica esportes. Portanto, a medida justa não é a mesma para ambos.

Um dos principais fatores dessa decisão sobre o como agir bem, de forma virtuosa, comedida, vem da “prudência” (phronesis), ela é uma virtude intelectual, e se trata de uma forma de agir, visando as melhores possibilidades, quando até mesmo em relação as coisas contingentes. Segundo Aristóteles: “Resta dizer, portanto, que a prudência é uma capacidade racional genuína que diz respeito à ação relativamente às coisas que são boas e más para os seres humanos” (ibid. p.226, 1140b1-5). Logo em seguida, ele dá o exemplo de um homem prudente, Péricles ⁷, considerado prudente por ser capaz de discernir o que era bom não apenas para si, mas para o bem geral da cidade.

A prudência pode ser observada na capacidade de deliberar e investigar os meios para uma vida boa não apenas para si, mas também na relação consigo mesmo e com os outros, dentro do contexto aristotélico, ou seja, com os cidadãos da cidade. A prudência é o conhecimento que permite que um indivíduo identifique qual é a melhor ação a ser tomada, no lugar certo, no momento certo e da maneira correta, visando o bem não apenas de si, mas também dos outros. Afinal, a ética aristotélica está intrinsecamente ligada à sua política, sendo complementar.

⁷ Péricles (495-429 a.C.) foi um proeminente líder político, estadista e orador de Atenas na Grécia Antiga. Ele fortaleceu a democracia ateniense, promoveu as artes e a filosofia, e liderou Atenas na Guerra do Peloponeso contra Esparta. Seu legado é marcado pela era de grandeza cultural em Atenas.

Uma vez esclarecida a ética aristotélica, sua finalidade e os meios de alcançá-la, assim como outras questões pertinentes a esses meios, destacando-se a prática das virtudes e dos bons hábitos, cabe agora relacionar algumas das virtudes aristotélicas com a figura do super-herói Batman.

4.2 Batman e as virtudes aristotélicas

Batman é sem sombra de dúvidas um dos ícones da cultura pop mais aclamados de todos os tempos, possuindo uma imensa legião de fãs em todo o mundo. Criado originalmente por Bob Kane⁸ e Bill Finger⁹, fez sua primeira aparição em maio de 1939 na revista em quadrinhos Detective Comics de número #27, produzida pela “DC Comics¹⁰”, que desde seu sucesso estrondoso, o detetive mascarado recebeu inúmeras novas histórias e adaptações, tanto para animações quanto produções cinematográficas, com filmes solos ou com sua participação, presentes nas mais diversas formas midiáticas.

Disso, um fato indubitável se destaca: sua enorme presença no cotidiano cultural da atualidade. Mas, quais os motivos para que ele seja tão aclamado e amado por incontáveis pessoas ao redor do mundo? Não há uma resposta única para essa questão. No entanto, uma das possibilidades, sem dúvida, é que, além de suas habilidades de combate, investigação e seu senso de justiça decorrente de seu caráter moral, Batman é apenas um humano comum, como qualquer um, sem superpoderes. Ele é alguém que, por esforço próprio, decidiu tornar-se quem é.

Na HQ “Batman Begins¹¹”, a história do personagem inicia-se de forma trágica. Em uma noite, após sair de um teatro em Gotham City, Bruce Wayne (nome real do Batman), ainda jovem, presencia o assassinato de seus pais, Thomas e Martha Wayne. Naquele dia, o jovem Bruce perdeu sua inocência. Ele, que vivia uma vida amável e protegida na Mansão Wayne, descobriu que o mundo também poderia ser um lugar sombrio. Após isso, passou a ser criado pelo mordomo da família, Alfred Pennyworth, herdando a fortuna de seus pais.

⁸ Nome artístico de Robert Kahn (1915-1998), foi desenhista, quadrinista e roteirista norte-americano.

⁹ Milton "Bill" Finger (1914-1974) foi um escritor norte-americano de revistas em quadrinhos e tiras de revistas em quadrinhos; também conhecido como coautor das histórias do personagem "Lanterna Verde", em 1940.

¹⁰ É uma das editoras norte-americanas mais famosas do mundo, especializada em histórias em quadrinhos e outras mídias relacionadas; é também subsidiária da Warner Bros.

¹¹ Adaptação oficial do filme de mesmo nome, do diretor Christopher Nolan (2005).

Posteriormente, buscou aprender meios e métodos para vingar seus pais. Isso o levou a viajar pelo mundo, onde recebeu treinamento marcial e aprendeu técnicas investigativas. Ao retornar como adulto para sua cidade natal, descobriu que o assassino de seus pais iria finalmente a julgamento. Tomado pelo sentimento de vingança, pensa e tenta fazê-lo pagar na mesma moeda. No entanto, no dia do julgamento, o assassino é morto por ordem de outra pessoa antes que Bruce pudesse realizar sua vingança. Após isso, ele se vê sem motivos para continuar, sem propósito. Porém, ao investigar mais a fundo, percebe o quão corrupta e infestada de crime Gotham se encontra.

A partir desse momento, Bruce, tomado de vergonha por ter quase se tornado alguém de quem seu pai não teria orgulho, tem uma transformação interna, adotando uma nova perspectiva: não buscaria mais vingança, mas sim justiça, para todos aqueles que sofrem, para todos que em Gotham necessitam de ajuda. No entanto, sendo apenas um humano comum, sabe que não pode fazer isso sozinho. Ele afirma¹²: “para sair da apatia, as pessoas precisam de exemplos dramáticos”, percebe que como Bruce Wayne não pode fazer muita coisa, pois é feito de carne e osso, o que pode ser ignorado e até mesmo destruído, mas, “como símbolo posso ser incorruptível, posso ser eterno”.

Disso, assume a identidade de Batman, também conhecido como o Homem-Morcego, um vigilante noturno que inspira medo naqueles que amedrontam os inocentes. Ele espera que, com seu exemplo, as pessoas possam recuperar a esperança e se sintam seguras ao sair de casa, “ele não quer que outras crianças percam os pais assassinados, como ocorreu com ele. Gotham City está na mão de criminosos e corruptos, e, com o espírito de justiça quer dar um basta nesta situação” (WESCHENFELDER, 2021, p.117).

4.2.1 Prudência

Na "Ética a Nicômaco", Aristóteles enfatiza várias vezes que para alguém se tornar virtuoso, é necessário praticar hábitos virtuosos. Pode-se inclusive recorrer a exemplos de pessoas que são consideradas virtuosas, ou seja, aquelas que regularmente praticam atos virtuosos. Batman é um exemplo de homem virtuoso nos moldes aristotélicos. Ele busca livrar sua cidade das injustiças e possui diversas virtudes, como a prudência. Como mencionado anteriormente, a prudência pode ser caracterizada pela capacidade de deliberar sobre as ações e

¹² Frases presentes na HQ e filme: “Batman Begins”.

os meios para uma vida boa, não apenas para si, mas também em relação aos outros cidadãos da cidade. É exatamente isso que Batman faz, ele busca tomar as melhores decisões no momento certo, de maneira a beneficiar os cidadãos de Gotham.

No que toca a prudência (sabedoria prática), é possível sua definição por meio do exame daqueles que ditos prudentes. Tem-se como característica do indivíduo prudente ser ele capaz de deliberar nem sobre o que é bom e proveitoso para si mesmo, não em um aspecto particular (...), mas ao que contribui, na sua vida, para o bem-estar geral. (ARISTÓTELES, 2014, p.226, 1140a1-25).

Bruce carregava consigo desde pequeno o exemplo de seu pai, que durante a grande depressão econômica utilizou quase todos os seus recursos para ajudar os mais pobres. Ele esperava que outros ricos e poderosos se espelhassem em seu exemplo, porém, infelizmente, isso não aconteceu, chegando até mesmo a colocar em risco as empresas Wayne.

Embora Bruce tivesse uma visão positiva de seu pai, de um homem prudente e o considerasse um bom exemplo a ser seguido, uma análise mais aprofundada das ações de Thomas Wayne revelaria, segundo Aristóteles, que mesmo tendo boas intenções, suas ações (os meios utilizados) não foram completamente virtuosas, apresentando algumas características de prodigalidade: “A prodigalidade se excede no dar sem obter e é deficientemente neste último; (...) com efeito, não é fácil dar a todos sem obter de alguém, ou seja, os recursos do doador estariam logo exauridos sendo ele um cidadão particular.” (Ibid., p.149, 1121a1-10).

4.2.2 Magnificência

Mesmo assim, isso não impediu seu filho de se basear em seu exemplo e também utilizar sua riqueza para ajudar os outros. Pelo contrário, além de empregá-la em suas atividades relacionadas à luta contra o crime, ele a utiliza de outras formas que também beneficiam o bem-estar geral. Dessa forma, na visão aristotélica, ele seria o que se chama de magnificente, que é a característica de um homem que usa sua riqueza de forma virtuosa. “As despesas do magnificente são grandes e adequadas, e idênticos são seus resultados; (...). Ademais, o magnificente gastará em função da nobreza da ação, o que é comum à todas as virtudes” (ibid., p.153, 1122b1- 5). Ou seja, a magnificência está relacionada com as ações, no que tange o uso apropriado da riqueza, sendo considerada uma virtude, a justa-medida entre a mesquinhez (extremo da falta: retenção excessiva da riqueza) e a prodigalidade (extremo do excesso: gasto irresponsável).

Os atos de magnificência são vistos como uma nobre virtude, pois envolvem a capacidade de realizar grandes projetos que são benéficos para a comunidade. Ela está associada à

generosidade e à disposição de usar recursos próprios em coisas grandiosas e dignas, como a construção de templos, monumentos públicos, financiamento de eventos culturais e apoio a causas filantrópicas. Essa é uma virtude rara, reservada para aqueles que têm uma combinação especial de recursos financeiros, bom senso e uma visão nobre do bem comum.

Batman representa de forma perfeita desse ideal, sendo um dos poucos super-heróis e pessoas de Gotham que possuem os recursos necessários para realizar grandes feitos, e ele o faz financiando diversas instituições, como a Fundação Wayne, que é uma organização beneficente criada com a finalidade de fornecer assistência financeira e apoio a diversos projetos sociais, programas educacionais, pesquisas científicas e desenvolvimento comunitário. A partir dela, ele financia, por exemplo, orfanatos e abrigos, dedicando uma preocupação especial às crianças desfavorecidas, oferecendo-lhes abrigo e educação. Esses são apenas alguns exemplos das diversas outras instituições e formas que o super-herói utiliza seus recursos para o bem geral.

4.2.3 Coragem

Para Aristóteles, somente na cidade o homem pode realizar-se plenamente, fazendo uso de suas capacidades e potencialidades, a luta constante de Batman se caracteriza nesse contexto, pois, “não seria possível viver bem e de forma duradoura numa cidade assolada pela injustiça, pela corrupção e pelo crime” (WESCHENFELDER, 2021, p.124). Se a finalidade última dos seres humanos é a felicidade, como poderiam alcançá-la em um ambiente onde as injustiças, vícios e condutas antiéticas reinam? É necessário que a cidade tenha instituições justas para garantir o bom funcionamento e a boa vida de seus cidadãos; mas Gotham vê-se em um extremo vicioso, várias de suas instituições encontram-se corrompidas pela corrupção, permitindo a proliferação dos crimes por debaixo dos panos.

O super-herói então, vai ao encontro dos criminosos, dos corruptos, pessoas poderosas e influentes. Diante disso, é necessária coragem para seguir firme em sua determinação mesmo cercado de tantos perigos. A coragem é uma das virtudes mais magníficas presentes na ética aristotélica:

E principiemos pela coragem. (...) esta é a mediana no tocante ao medo e à autoconfiança. Está claro que as coisas de que temos medo são temíveis, o que significa dizer simplesmente que são males, de modo que o medo é, inclusive, definido como experiência do mal. (ARISTÓTELES, 2014, p.124, 1115a1-10)

A coragem é, sem sombra de dúvidas, uma das marcas mais enfáticas do herói. Afinal, saltar entre prédios, enfrentar inimigos fortemente armados, capturar vilões extremamente perigosos e bater de frente com um sistema corrupto não é algo fácil, muito menos simples de se fazer. Requer determinação forte e coragem bruta, pois está quase sempre em situações de alto risco que podem ceifar sua vida. Isso se relaciona com o que é exposto por Aristóteles sobre o homem corajoso: “o corajoso, portanto, no exato sentido da expressão, é aquele que enfrenta com destemor a morte nobre ou algum perigo súbito por trás do qual a morte se oculta.” (Ibid., p.126, 1115a1-35).

Mas, sendo a coragem a virtude mediana entre dois extremos relacionados às ações e paixões, sendo a falta: sentir medo ou acovardar-se, e o excesso: a temeridade; Batman nunca sente medo? E caso sentisse, deixaria de ser virtuoso? Como foi dito anteriormente, não existe uma régua reguladora universal no que tange a todas as ações ou paixões. Muitas vezes trata-se de questões situacionais, onde a atitude virtuosa provirá da reflexão e prévia deliberação visando a ação ou paixão em consonância com a prudência. Entretanto, o próprio Aristóteles poderia responder essa questão:

Por outro lado, é possível temer coisas terríveis em graus distintos e, inclusive, temer coisas que não são temíveis como se o fosse. (...) aquele que suporta ou teme as coisas certas, visando o correto, como deve oportunamente e que mostra, igualmente, autoconfiança, por conseguinte, é corajoso. (...) assim, ocorre com o corajoso: como sua coragem é nobre, sua meta é a nobreza, pois cada coisa é definida pelo seu fim; conseqüentemente, o que leva o corajoso a suportar e agir segundo o que determina a coragem é a nobreza de sua meta. (Ibid. p. 127, 1115b1-15-20)

Ora, ao homem virtuoso é permitido sentir medo de determinadas coisas, embora Aristóteles não diga exatamente quais são essas coisas, pois seria quase impossível, já que dependem de contextos situacionais. Ainda assim, há uma orientação em relação a elas, pois tratam-se de coisas relacionadas a um fim visado que é correto e nobre. Por exemplo, o medo da desonra, da má reputação, são coisas que inclusive o Batman, no filme "Batman: O cavaleiro das trevas" (2008), acaba abdicando para proteger a honra de outro homem que também era um símbolo de justiça para os cidadãos: o procurador público de Gotham City, Harvey Dent, que, no entanto, caiu em declínio após sofrer uma perda trágica e ter o rosto desfigurado, sendo conhecido como "Duas Caras".

Ele julgou necessário assumir a responsabilidade pelos crimes de Harvey, para que a esperança das pessoas não se esvaísse, pois, o procurador simbolizava a justiça relacionada à lei e ao cumprimento dela, por inicialmente fazer de tudo para colocar criminosos e corruptos atrás

das grades. Nesse filme em específico (pois isso não acontece em todas as histórias do personagem), embora o Batman abdique de sua boa reputação – de modo a preservar a de outro –, ele faz isso para que, em um contexto geral, o bom exemplo ainda possa ser seguido, o exemplo de fazer o que é certo. Ele acreditava que ao preservar a imagem de Harvey (que falece), outras pessoas poderiam seguir a imagem que foi preservada, de agir pela justiça e seguir a lei. Dessa forma, a finalidade da ação do Batman se caracteriza como virtuosa, mesmo que os meios nesse contexto "manchassem" sua boa imagem.

Mas se nem diante da má reputação Batman sente medo, então ele nunca sente? De forma alguma, o super-herói sente medo no que tange às coisas nobres, com finalidade ao que é correto, assim como dito por Aristóteles. Ele teme chegar atrasado em uma ocorrência, o que culminaria em não poder salvar vidas; teme não conseguir proteger os cidadãos de Gotham; teme não poder ajudar as instituições das quais se dispõe em seus atos de magnificência; teme que as pessoas próximas a ele acabem sofrendo e sendo perseguidas caso descubram sua identidade. Ainda assim, diante desse temor genuíno de não conseguir fazer o bem, o certo, de ajudar e proteger os outros, diante das inúmeras contingências, ele enche-se de disposição e vai ao encontro de suas missões, dos chamados, como diria o filósofo, ele "suporta e age". Logo, sente medo nas coisas que são dignas de se sentir medo, de modo que não deixa de ser virtuoso na visão aristotélica.

4.2.4 Educação Virtuosa

Como já foi elucidado, Batman ou Bruce Wayne pode ser considerado um super-herói virtuoso nos moldes aristotélicos. Mas como ele se tornou assim? Aristóteles escreve na ética que para alguém se tornar virtuoso, não basta apenas saber o que são as virtudes, é necessário praticá-las, pois: “A virtude moral ou ética é o produto do hábito, (...). E, portanto, fica evidente, inclusive, que não é uma natureza que produz nenhuma das virtudes morais em nós, uma vez que nada que seja natural é passível de ser alterado pelo hábito. ” (ARISTÓTELES, 2014, p.81, 1102b1-15). Ou seja, não se nasce virtuoso ou praticante de bons hábitos, torna-se:

De fato, aprendemos nesse caso, executando o que teremos que executar. Exemplo: homens se tornam construtores construindo e se tornam tocadores de lira tocando lira. Analogamente, é a realização de atos justos que nos torna justos, a de atos moderados que nos torna moderados, a de atos corajosos que nos torna corajosos. (Ibid. p.82, 1103b1)

Uma pessoa justa é alguém que com regularidade pratica ações justas. Batman é alguém que com regularidade pratica a justiça e realiza boas ações, o que se tornou um hábito tanto como super-herói quanto como Bruce Wayne. Além disso, uma vez que a vida virtuosa se manifesta

no processo constante da prática das virtudes, que busca o meio-termo, e que não se nasce virtuoso, torna-se; encontrar o ponto médio entre os extremos às vezes é uma tarefa difícil, o que pode levar alguém que busca o equilíbrio justo a ir para um determinado extremo, como diz Aristóteles: “Em consequência, ser bom não é uma tarefa fácil, pois encontrar o meio-termo em todas as coisas é uma tarefa difícil” (ARISTÓTELES, 2022, p.51).

Batman, antes de desenvolver hábitos virtuosos, inclinou-se para um extremo ao buscar vingança pelos seus pais, em vez de buscar a justiça. Após reconhecer que suas atitudes não teriam um impacto positivo em sua luta interna nem contribuiriam para o bem das pessoas de Gotham, ele decide mudar e buscar o que é certo, pois ele é humano. A partir desse momento, pode-se dizer que ele busca realmente uma vida virtuosa, visando a justiça e o bem-estar de todos, tornando-se um exemplo moral. No filme "Batman: O cavaleiro das trevas", pode-se observar diversas pessoas fantasiadas de Batman, desde jovens até adultos, inspirando-se nele para tornar a cidade um lugar melhor. Embora, de forma literal e sejam repreendidos pelo próprio super-herói, ainda assim, podemos observar que como símbolo, ele causou mudanças significativas na maneira como os cidadãos veem sua cidade, um lugar de transformação, pois há algo para se inspirar.

Exemplo, inspiração, termos que estão relacionados com a educação. Para Aristóteles, o modo de viver virtuosamente pode ser ensinado. Busca-se orientar os jovens a evitar os vícios e seguir um caminho temperante. Como diz o filósofo:

(...), para que alguém possa se tornar um indivíduo bom é preciso que receba uma educação apropriada e desenvolva hábitos do mesmo gênero, e que passe em seguida a viver com ocupações virtuosas e nada faça de vil voluntária ou involuntariamente, a realização disso será assegurada se as vidas humanas forem reguladas conforme certa inteligência e um sistema correto. (ARISTÓTELES, 2014, p.385, 1080a1-15)

Percebe-se que Aristóteles preocupa-se com a educação em conformidade com a virtude, uma educação que tem como finalidade formar jovens para a vida em sociedade de maneira excelente, evitando vícios e buscando o meio-termo. Esse modo de formar e educar também se apresenta nas histórias do Batman.

A HQ "Detective Comics #38", publicada em abril de 1940, marcou a primeira aparição de Dick Grayson, mais conhecido como Robin. Muitos o veem apenas como um ajudante, sem saber de sua história e da função educacional que Batman exerceu em sua formação. Sua história começou quando ele era um jovem acrobata no famoso "Circo Haley", junto de seus pais John e

Mary Grayson, conhecidos como "Graysons Voadores". Em uma determinada noite, durante uma apresentação, a corda que utilizavam quebrou, fazendo-os cair e morrer. Bruce, que estava na plateia, compadeceu-se do jovem e o adotou. Posteriormente, Dick descobre que a morte de seus pais não foi um acidente, mas sim premeditada por um gângster que queria extorquir dinheiro dos Graysons.

Decidido a canalizar essa raiva para o lado do bem, Bruce revela-se como Batman e ensina a Dick suas várias habilidades que aprendeu ao longo dos anos. Com isso, Dick aprimora suas habilidades acrobáticas, bem como treina em artes marciais, investigação e estratégia. Ele também aprende a importância de proteger Gotham City e ajudar os indefesos, buscando o caminho justo. Eles desenvolvem uma relação de mentor e aluno, em que Batman torna-se um modelo virtuoso para Dick, ensinando-lhe sobre coragem, disciplina, justiça, responsabilidade, controle emocional, entre outras coisas.

Assim como Aristóteles elucida, o papel de uma boa educação tem o poder de transformar, guiando as ações e paixões dos indivíduos para um caminho de virtude, que como visto, necessita da prática: “Mas não há dúvida de que não bastam a correta nutrição e a correta disciplina na juventude; é necessário, também que, quando adultos, os indivíduos pratiquem o que aprenderam e o consolidem por meio do hábito.” (ARISTÓTELES, 2014, p.384, 1180a1-35). E de fato, Dick ou Robin, não se torna também um super-herói virtuoso da noite para o dia, mas a partir do seu esforço contínuo, praticando os bons hábitos provindos das lições de seu mentor e amigo, orientando-o ao caminho da retidão: “os amigos também ajudam os jovens a evitar erros” (ARISTÓTELES, 2021, p.181), tanto, que torna-se em sua fase adulta um magnífico vigilante conhecido como “Asa Noturna”.

4.2.5 Amizade

No livro VIII da "Ética a Nicômaco", Aristóteles trata a respeito da amizade, pois ela é uma virtude ou implica virtude. Mesmo que as pessoas possuam todos os bens, elas não prefeririam viver sem amigos. Para ele, há três principais tipos de amizade: a amizade pela utilidade, a amizade pelo prazer e a amizade pela virtude.

Essa análise aristotélica pode nos ajudar a compreender um pouco sobre os relacionamentos do Batman e se ele possui algum tipo dessas três amizades, pois, como o próprio Aristóteles diz, todos precisam de amigos, mesmo alguém com diversos bens: “Até mesmo os

homens ricos e aqueles que tem cargos de poder são aqueles necessitam, acima de tudo, de amigos” (ibid., p.181), como é o caso do Batman.

Pode-se iniciar pela amizade que se refere à utilidade. Esse tipo de amizade é caracterizado quando ambas as partes se relacionam por conta de algum benefício ou utilidade que o outro possa proporcionar. Essas amizades podem ser facilmente dissolvidas se não permanecerem como são. Em "Batman Begins", tanto no filme quanto na HQ, pode-se observar que Batman cria uma espécie de relação com Jim Gordon, um agente policial, pois uma de suas necessidades era ter alguém confiável dentro da corrupta polícia de Gotham, que pudesse auxiliá-lo em suas investigações e em seu combate à criminalidade. Da mesma forma, Gordon percebe em Batman a possibilidade de realizar ações que a polícia não pode, mas que, no entanto, são necessárias e geram resultados na prisão de criminosos. Desde o início, a relação entre ambos já se mostrava como um meio que visava a uma finalidade comum, utilitária, que é o combate ao crime, tornando-se amigos posteriormente através dela.

Aristóteles diz que essa espécie de amizade que tem por finalidade a utilidade pode facilmente acabar: “O útil não permanece, mas está sempre mudando, portanto, quando o motivo da amizade é eliminado, a amizade é dissolvida, na medida em que existia apenas para os fins visados” (ibid. p.184). Por exemplo, caso o “Batman fosse longe demais e matasse alguém, ainda que parecesse justificado, não estaria mais contribuindo para o senso de justiça de Gordon e a amizade acabaria. ” (IRWIN, 2005, p.115). Ao passo que o mesmo ocorre com Gordon, se por algum motivo não pudesse mais ajudar Batman em suas investigações, então a amizade também se dissolveria. Embora ambos possuam um objetivo nobre e sejam pessoas virtuosas, pois, Gordon vê em Batman um exemplo a ser seguido no exercício da justiça, da qual também busca, ainda assim, há a necessidade de outros elementos necessários para que a amizade possa evoluir. Sendo ainda, portanto, a amizade de ambos caracteriza-se apenas como utilitária.

Outra relação que Batman possui é com Selina Kyle, mais conhecida como "Mulher-Gato", apresentada inicialmente na revista "Batman #1" lançada em 1940. Ela possui uma relação singular com o Homem-Morcego e, de certo modo, até amorosa. Embora seus primeiros encontros não tenham sido tão amistosos, pois estava envolvida com atividades criminosas, ao longo das histórias pode-se notar que, no fundo, é uma pessoa de boa índole. “Ela não é má e, exceto pelos roubos de alto risco que pratica, ela tem sempre uma afinidade pelo bem. Assim como Batman, ela não mata, e é capaz de abandonar suas atividades criminosas se perceber que

vão prejudicar Batman. ” (ibid., p. 116). Após investigar a vida de Selina, Batman percebe que ela cometia furtos por conta de dívidas e para ajudar os necessitados, e, a partir disso, tenta reabilitá-la. Como as histórias são muitas, em algumas ele consegue, em outras não.

Ela inclusive ajuda Batman algumas vezes em suas investigações, mas não possui a obrigação nem um acordo com ele para fazer isso. Ela o faz porque sabe que os motivos que levam o vigilante a investigar algo ou fazer alguma, coisa têm como finalidade um bem maior, que de algum modo, irá beneficiar a todos, pois confia nele. Sendo a relação entre ambos, complexa, não pode ser considerada uma amizade virtuosa na visão aristotélica, pois, mesmo que ela não seja má, não segue constantemente o caminho reto. Também não é uma amizade por utilidade, pois nenhum dos dois necessariamente precisa do outro. E como possuem uma relação amorosa não assumida, permanecendo amigos em algumas histórias, sua relação se enquadra no âmbito do prazer. Sobre esse tipo de amizade, Aristóteles escreve: “vivem sob a orientação da emoção, e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que têm imediatamente diante dos olhos; mas com o passar dos anos os prazeres tornam-se diferentes. ” (ARISTÓTELES, 2021, p. 185). O que de certa maneira acontece com ambos. Além disso, caso Selina de fato se corrompesse, tornando-se uma vilã, Batman a prenderia e cortaria relações. Entretanto, como isso não ocorre, ambos desfrutam de uma relação casual e prazer sincero um pelo outro.

Uma possível relação de amizade virtuosa pode ser vista entre Batman e Dick Grayson, quando assume o papel de Asa Noturna. Como visto anteriormente, após perder seus pais, Dick foi adotado e treinado por Batman, tornando-se Robin. Batman buscou guiá-lo pelo caminho das boas práticas, da retidão, da justiça, o que foi bem-sucedido. Porém, nesse momento da vida de ambos, sua relação era baseada na utilidade e, de certo modo, no prazer.

Batman oferecia a Dick abrigo, comida, roupas, transporte e outros itens essenciais para suas atividades. Além disso, fornecia treinamento físico e mental, ajudando-o a desenvolver suas habilidades. Batman também o dava um sentido de propósito e companheirismo. Nesse momento, a relação entre eles se caracterizava por elementos de utilidade, pois Dick precisava da ajuda de Batman, assim como Batman precisava da ajuda de Dick em suas missões. Além disso, havia elementos de prazer, pois Batman sentia prazer em ensinar seu discípulo, assim como Dick também sentia prazer em receber sua mentoria e companhia.

Entretanto, conforme vai crescendo esse prazer diminui, pois: “enquanto vai ficando mais velho, ele se torna cada vez mais parecido com o Batman em habilidades. Como resultado, já não aprende tanto com seu velho professor. Viver à sombra de Batman e sempre fazer o que ele lhe ordena começa a incomodar Robin, e a parceria começa a ser cada vez menos prazerosa. ” (IRWIN, 2005, p.112). Ao passo que assume uma nova identidade (Asa Noturna) e torna-se um vigilante na cidade vizinha chamada Blüdhaven. De início, essa separação não ocorre de maneira tão tranquila. No entanto, com o passar do tempo, eles se reaproximam e, por seguirem o mesmo caminho, que tem como finalidade o bem comum e agir pela justiça, eles nutrem novamente uma amizade, agora virtuosa em todos os sentidos.

Para Aristóteles: “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e semelhantes em virtude, pois desejam o bem uns aos outros quando são bons em si mesmos. ” (ARISTÓTELES, 2021, p.185). Tanto Asa Noturna quanto Batman, compartilham da bondade, da virtude, ambos visam o bem um do outro pela finalidade própria do bem, ambos querem ver um ao outro feliz. Na amizade virtuosa é possível que haja características dos tipos anteriores de amizades, como, ser útil e sentir prazer na. O que acontece também nessa nova relação, ambos, sentem prazer na companhia um do outro quando se reveem, ao passo que também são uteis um para o outro as vezes, mas sem obrigatoriedade, “os bons também são úteis uns aos outros. ” (ibid., p.186).

Ambos apresentam plena confiança um no outro, e essa é uma das grandes características desse tipo de amizade, diz Aristóteles: “E é entre os bons homens que existe a confiança e o sentimento expresso em palavras ‘ele nunca me faria uma deslealdade’ e todas as outras coisas exigidas por uma verdadeira amizade. ” (ibid., p.187). Nota-se que, para Asa Noturna e Batman conseguirem ter uma amizade plenamente virtuosa nos moldes aristotélicos, eles precisaram de tempo e maturidade. Isso é de fato, necessário, pois, o entendimento, a prudência, e as diversas outras virtudes tornam-se mais afiadas com o passar do tempo. Se as virtudes são adquiridas por meio da prática constante, uma amizade verdadeiramente virtuosa não se cria da noite para o dia, requer tempo.

5 BNCC E INTINERÁRIO FORMATIVO FILOSÓFICO

Como visto, existe a possibilidade de trabalhar elementos da cultura pop que estão presentes no contexto cotidiano da grande maioria da população. Isso se baseia, em primeiro lugar, na ideia de utilizar elementos da cultura e da arte como ferramentas educacionais, o que

remonta à antiguidade grega. Essa abordagem permite uma adaptação no uso de outros elementos artístico-culturais contemporâneos.

Em segundo lugar, as histórias em quadrinhos são consideradas expressões genuínas da arte e da cultura, sendo reconhecidas como a nona arte, também conhecida pelo termo técnico "arte sequencial". E ao se observar as histórias de super-heróis, percebe-se elementos e características da própria vida cotidiana do leitor. Com uma perspectiva filosófica, é possível encontrar profundas reflexões sobre diversos temas, como questões existenciais, psicológicas e ético-morais, entre outros. Isso ocorre porque essas histórias possuem um caráter mimético em relação as coisas da vida, personificadas por meio de imagens e palavras –entre outras coisas.

Entretanto, mesmo que essas sejam bases sólidas para embasar de forma teórica o uso das histórias em quadrinhos, referentes às histórias de super-heróis, bem como outros meios midiáticos, ainda há outra base na qual é possível recorrer para reafirmar a possibilidade de seu uso como instrumento pedagógico: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p.7). Ela reconhece que a educação deve afirmar valores, bem como estimular ações que visam contribuir para a transformação da sociedade, de modo que à torne mais humana, social e justa.

5.1 Estrutura

A BNCC em toda sua estrutura, pode ser vista da seguinte forma: competências gerais, áreas do conhecimento, competências específicas, habilidades, com tudo culminando em itinerários formativos. *As competências gerais* são recorrentes à toda educação básica; *as áreas do conhecimento* são relativas aos saberes que devem ser desenvolvidos, por exemplo, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no ensino médio, que englobam: história, geografia, sociologia e filosofia (entretanto, vale ressaltar que no novo contexto educacional, sociologia e filosofia fazem-se presentes apenas no ensino médio, no que concerne a BNCC, embora ambas possam ser ministradas no ensino fundamental à depender das escolas, grades curriculares entre outras coisas); *as competências específicas* são recorrentes e podem diferir de acordo com cada área do conhecimento, tendo cada uma suas competências próprias à serem desenvolvidas; *as habilidades* são referentes ao que se espera alcançar no que refere-se as habilidades cognitivas e

práticas à serem desenvolvidas; os *itinerários formativos* são os modelos de estruturar aulas ou oficinas, tratam-se da questão pragmática do que é idealizado na parte teórica da BNCC, “como um todo indissociável” (ibid., p.470).

5.2 Competências Gerais

Das competências gerais apresentadas na BNCC, pode-se ressaltar algumas que se relacionam com a presente pesquisa, como:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (Ibid. p.9)

Observa-se nessas competências algumas características que se manifestam ou podem se manifestar no exercício da prática pedagógica visada nesta pesquisa. Por exemplo, ao utilizar a ética aristotélica e relacioná-la com as histórias em quadrinhos, busca-se fazer uso das seguintes competências: 1 (valorizando e utilizando conhecimentos historicamente construídos), 2 (exercitando a curiosidade intelectual, como nas relações entre filosofia/cultura pop, entre outras), 3 (valorizando e apreciando as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto globais, o que é exatamente o que ocorre na abordagem proposta), 4 (utilizando diferentes linguagens na estratégia educacional, com ênfase na linguagem filosófica e artística dos meios atuais, visando o entendimento mútuo), 5 (buscando esclarecer a compreensão ao utilizar novas tecnologias de forma a promover uma formação crítica, reflexiva e ética, que ocorre durante o processo ao utilizar meios digitais e outras formas midiáticas necessárias para a abordagem relacional proposta), 6 (valorizando a diversidade dos saberes e vivências culturais, destacando que é possível aprender de diferentes formas, não apenas no âmbito estritamente teórico de uma

determinada área do conhecimento, mas também a partir de elementos presentes em diversas culturas, incluindo a cultura pop, visando ao exercício da cidadania, o que ocorre e é evidenciado várias vezes ao longo da proposta).

5.3 Currículo

Além disso, a BNCC apresenta que os currículos devem estar alinhados com a integração dos princípios e valores de suas competências, reconhecendo que a educação deve ter um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano em suas diversas dimensões, como a intelectual, social, ética, entre outras (Ibid., 2018). Para isso, é necessário pensar em práticas pedagógicas que não apenas considerem esses aspectos, mas também os possibilitem de forma pragmática. Deve-se então:

Selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização e etc. (Ibid. p.17)

Embora o currículo não dependa exclusivamente do professor, vale ressaltar que a BNCC faz referência a ele, considerando aquilo que é proposto nesta pesquisa: aplicar metodologias e estratégias diversificadas, fazendo uso de conteúdos complementares e levando em consideração o contexto dos estudantes, visando uma formação adequada para todos.

5.4 A BNCC e o Novo Ensino Médio

Como a presente pesquisa trata da relação entre Filosofia e Cultura Pop como conteúdos complementares, baseando-se também na BNCC, é importante mencionar que ela não aborda diretamente o ensino de filosofia para o ensino fundamental. Portanto, torna-se arriscado discorrer sobre esse tema. Infelizmente, é necessário direcionar o exame para o ensino médio¹³.

Sendo assim, no ensino médio, a BNCC especifica que o conjunto de competências específicas e habilidades que são necessários para a complementação das competências gerais tem o objetivo de: “consolidar, aprofundar e ampliar a formação integral, atende às finalidades dessa etapa e contribui para que os estudantes possam construir e realizar seu projeto de vida em consonância com os princípios da justiça, da ética e da cidadania” (ibid., p.471).

¹³ Entretanto, sabe-se que há escolas que trabalham o saber filosófico no ensino fundamental, àqueles interessados na atual proposta, caberia adequar o aqui é tratado ao contexto do fundamental, pois essencialmente, pode-se fazer o mesmo trabalho, claro, com determinadas modificações.

5.4.1 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Filosofia

No atual contexto educacional, onde vigora o novo ensino, a filosofia encontra-se na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. No entanto, existem lugares onde cada disciplina é ministrada de forma isolada e outros onde esse sistema ainda não foi implementado. De qualquer forma, de acordo com a BNCC, essa área, bem como as disciplinas que a compõem, devem orientar: “para uma formação ética” (ibid., p.561), visando também o protagonismo juvenil, “investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.) ” (ibid., p.562).

Ou seja, é necessário levar em consideração diversos meios de linguagem para a construção do protagonismo juvenil, desde linguagens textuais, como textos filosóficos, até linguagens artísticas, como histórias em quadrinhos, entre outros recursos. As possibilidades são inúmeras.

Dessa área há alguns temas, categorias que devem ser trabalhadas, dentre elas: “Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho. ” (Ibid., p.562). Estas recebem um olhar mais atencioso de cunho filosófico, pois segundo a própria BNCC, baseada em perspectivas filosóficas, expõe:

A identificação da condição humana como animal político – e animal social – significa que independentemente da singularidade de cada um, as pessoas são essencialmente capazes de se reorganizar para uma vida em comum e de governar. Ou seja, os seres humanos têm uma necessidade vital de convivência coletiva. (Ibid., p.565.)

Pode-se observar nisso uma visão relacionada à filosofia grega antiga, sobretudo à visão aristotélica do homem na Pólis. É necessária uma educação que vise formar para a cidadania, partindo de uma educação que trabalhe a ética, entre outros elementos que se fazem necessários desde a antiguidade e que são evidenciados na própria BNCC. Pois, “o entrelaçamento entre questões sociais, culturais, e individuais permite aprofundar, no Ensino Médio, a discussão sobre ética. ” (Ibid., p.567), percebe-se novamente, que a proposta da presente pesquisa se encontra dentro das regularidades e indicações dos parâmetros oficiais que regem a educação brasileira.

5.4.2 Competências Específicas e Habilidades

Abaixo das competências gerais, há competências específicas de cada área, e cada competência específica interage com algumas habilidades a serem desenvolvidas. Dentre as seis competências específicas, duas relacionam-se com a proposta da presente pesquisa, assim como as habilidades recorrentes a cada competência. Elas são:

Competências¹⁴:

- 1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
- 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades¹⁵:

- 1. (EM13CHS104) analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- 1. (EM13CHS106) utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva
- 5. (EM13CHS501) analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
- 5. (EM13CHS502) analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- 5. (EM13CHS504) analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

A competência 1 visa analisar diversos processos, incluindo os políticos e sociais, que estão extremamente relacionados às histórias em quadrinhos. Muitas dessas histórias abordam diferentes culturas, sociedades, modelos econômicos e uma infinidade de possibilidades. Isso também é evidenciado no exemplo desenvolvido nesta pesquisa, pois é impossível dissociar a ética da política, da questão social e de outras relações presentes em diversas culturas.

Além disso, Aristóteles acreditava que a ética era uma ciência prática que se relacionava diretamente com a política, sendo esta última considerada a mais elevada, pois enquanto a ética busca o bem tanto para si quanto para os outros, a política busca o bem comum, da cidade: “Embora seja importante que um único homem atinja este fim, é melhor e mais divino obtê-lo para uma nação ou para as cidades-estados.” (ARISTÓTELES, 2021, p.11).

Desta competência, expressam-se algumas habilidades que também se relacionam com a proposta, afinal: analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial, buscando identificar

¹⁴ (BRASIL, 2018, p.570)

¹⁵ (Ibid. p.572-577)

conhecimentos, valores, crenças e práticas de diversas sociedades em diferentes espaços e tempos (EM13CHS104); assim como utilizar diversas formas de linguagem para contribuir com a reflexão, a formação crítica, ética, entre outros aspectos (EM13CHS106), também estão presentes, tanto no próprio processo quanto em sua finalidade.

Outra competência da qual pode-se recorrer por sua afinidade com o que se é exposto, é a competência 5, pois, é possível identificar diversas formas de injustiças presentes nas histórias de super-heróis, bem como quando evidenciadas partindo da filosofia, visando contribuir, como a própria competência elucida, com o combate à elas, levando em consideração preceitos éticos. Estes, que devem ser trabalhados de forma séria e cuidadosa, visando uma real contribuição na formação ético-moral dos estudantes, preparando-os para o pleno exercício da cidadania.

Além disso, suas habilidades também se fazem presentes, pois são de extrema importância. Analisar os fundamentos éticos de diferentes culturas (EM13CHS501), assim como as diversas situações da vida cotidiana (EM13CHS502), e com isso, analisar e avaliar os processos socioculturais relacionados a essas questões éticas (EM13CHS504), caracterizam-se como uma reafirmação de que a formação adequada deve ser encarada com atenção, levando em consideração os diversos meios culturais para alcançar esse objetivo. Isso se reflete na metodologia abordada, que utiliza recursos culturais e fundamentos éticos para analisar as próprias questões cotidianas, o que pode ser observado em várias histórias em quadrinhos e nas possíveis lições que delas podem ser extraídas por meio de leituras e reflexões filosóficas.

5.4.3 Itinerário Formativo Filosófico

Como visto, a possibilidade de utilizar histórias de super-heróis, seja em quadrinhos ou em outros recursos midiáticos, torna-se evidente diante das três bases apresentadas. Busca-se, portanto, não apenas evidenciar essa possibilidade, mas também apresentar a forma de como isso pode ser feito.

A seguir, apresenta-se um possível modelo de aula/oficina (ou um conjunto de aulas, como é o caso do modelo abaixo) baseado nas similaridades dos itinerários formativos filosóficos apresentados e recomendados no livro "Travessias filosóficas: um olhar interdisciplinar para a formação do novo ensino médio", de Luciene Torino (2021). Esse modelo exemplifica como seria a relação entre a ética aristotélica e o personagem Batman, discutidos anteriormente.

5.4.3.1 Modelo

1. Seleção de competências e habilidades que serão trabalhadas:

- Competências gerais da educação básica a serem desenvolvidas: 1, 2, 3, 4 e 6.
- Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas a serem desenvolvidas: 1 e 5.
- Habilidades a serem desenvolvidas: (EM13CHS104), (EM13CHS106); (EM13CHS501), (EM13CHS502), (EM13CHS504).

2. Seleção dos conteúdos filosóficos

2.1 Tema: Ética das virtudes: Batman um herói aristotélico?

2.2 Filósofos: Aristóteles

2.3 Textos filosóficos: “Ética a Nicômaco” (2014), de Aristóteles, Livro II (excerto sobre a prática dos hábitos virtuosos¹⁶), Livro VI (excerto sobre a prudência¹⁷), Livro III (excerto sobre a coragem¹⁸).

2.4 Delimitação dos temas, problemas e conceitos principais a partir do texto escolhido:

- Temas, problemas e conceitos em: Batman e a ética aristotélica; prática dos hábitos virtuosos; prudência, coragem.

3. Objetivos específicos:

- Contribuir com o desenvolvimento de uma atitude filosófica.
- Sensibilizar os alunos para a reflexão por meio do “espanto filosófico”.
- Apresentar partes da ética aristotélica relacionando com a história do personagem Batman.

4. Criação e proposta de atividades

- Despertar nos estudantes o interesse e a curiosidade pela filosofia por meio da sensibilização da leitura da “HQ Batman Begins” e sua relação com a ética aristotélica.
- Incentivar o exercício da leitura e compreensão ética.

5. Pesquisa e escolha dos materiais não filosóficos:

¹⁶ (ARISTÓTELES. p.82, 1103b1)

¹⁷ (Ibdi, p.226, 1140a1-25)

¹⁸ (Ibdi, p. 124, 1115a1-10); (Ibdi, p. 127, 1115b1-15-20)

5.1 HQ Batman Begins (BATMAN BEGINS: Adaptação oficial do filme.
Barueri, SP: Panini Brasil LTDA, n.1, junho 2005.)

Disponível em: <https://doceru.com/doc/n8c08v1>

Acesso em: 20 jun. 2023.

6. Preparação dos materiais:

- O material não filosófico selecionado é uma adaptação do filme "Batman Begins" (2005) para uma história em quadrinhos (HQ). Essa HQ torna-se interessante ao proporcionar um espanto filosófico nos alunos, por meio da história do personagem, sua conduta e as possíveis relações com a ética aristotélica. O link para download será enviado previamente aos alunos, para que tenham a HQ em formato digital. Caso não seja possível, recomenda-se a impressão de cópias, assim como de trechos do livro "Ética a Nicômaco".

7. Roteiro das aulas/oficinas

- **Primeira atividade:** O primeiro passo se remeterá a explicar aos alunos sobre de como se dará a abordagem dos conteúdos que serão trabalhados e quais serão. Dando início a leitura da HQ Batman Begins em sala de aula pelos alunos, caso necessário estendendo a leitura para casa.
- **Segunda atividade:** O segundo passo consistirá na explicação da ética aristotélica, abordando o conceito de ética e a visão de Aristóteles sobre o assunto, bem como suas ideias sobre felicidade e virtude. Em seguida, se buscará relacionar a ética apresentada e a história em quadrinhos lida pelos alunos, de modo que possam compreender as conexões entre o caminho para a virtude e as ações do herói Batman. Fazendo uma associação das virtudes aristotélicas, presentes nos trechos filosóficos e no que foi apresentado, com as atitudes e condutas do personagem.
- **Terceira atividade:** Este último passo será o momento em que os alunos terão maior liberdade, permitindo que realizem uma atividade de sua escolha, com base no que foi exposto e aprendido sobre a ética aristotélica e o super-herói, refletindo sobre como podem aplicar essas lições em suas vidas e como isso contribui para sua forma de lidar com suas próprias ações no mundo, em seu dia a dia, entre outras questões pertinentes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, investigaram-se possíveis relações entre Filosofia e Cultura pop, com ênfase nas histórias de super-heróis. Utilizando como exemplo a relação entre a ética aristotélica e a figura do super-herói Batman, com o objetivo de estabelecer uma conexão entre a filosofia e objetos do contexto cotidiano dos estudantes no âmbito educacional. Buscou-se contribuir para o exercício da leitura, estimular o interesse pela disciplina filosófica e promover uma boa formação moral ao abordar a ética.

Durante o desenvolvimento do estudo, analisaram-se diversos conceitos filosóficos presentes nas narrativas dos super-heróis, identificando como esses conceitos podem ser explorados na análise filosófica e levantando questões relevantes para a reflexão. Sempre levando em consideração as orientações presentes na BNCC.

Uma das principais conclusões deste estudo é que a Cultura pop, especialmente as histórias de super-heróis, pode ser um recurso eficaz para o exercício da filosofia no âmbito da educação. Através dessas narrativas, é possível despertar o interesse dos estudantes pela filosofia, oferecendo uma abordagem acessível e envolvente para temas relacionados à vida e à formação para a cidadania. A familiaridade com os personagens e as tramas estabelece uma conexão entre o cotidiano dos estudantes e as questões filosóficas, facilitando a compreensão e estimulando a reflexão crítica.

Além disso, a pesquisa buscou destacar a relevância das histórias de super-heróis no que diz respeito ao papel da formação moral. Ao apresentar personagens com valores éticos, dilemas morais e consequências de suas ações, essas narrativas podem contribuir para o desenvolvimento do senso de responsabilidade, justiça e um posicionamento ético sólido. A identificação com os super-heróis e a observação de suas trajetórias de superação podem inspirar a adoção de comportamentos éticos e compassivos em suas próprias vidas, algo que também se verifica desde a antiguidade grega.

Dessa forma, o impacto social dessa pesquisa é significativo. Ao incentivar o exercício da leitura filosófica por meio das histórias de super-heróis, é possível ampliar o acesso ao conhecimento filosófico e estimular o pensamento crítico em um público mais amplo. Isso contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de refletir sobre suas ações e tomar decisões éticas na sociedade. Vale ressaltar que a interseção entre Filosofia e Cultura pop

abre portas para um diálogo mais inclusivo e dinâmico entre diferentes áreas do conhecimento. Ao buscar estabelecer conexões entre conceitos filosóficos e manifestações culturais populares, é possível promover uma abordagem interdisciplinar que enriquece tanto a Filosofia quanto a própria Cultura pop, e tem reflexos positivos na educação.

No entanto, é importante ressaltar também que esta pesquisa apresenta algumas limitações. O estudo concentrou-se principalmente em histórias de super-heróis do contexto ocidental, deixando de explorar outras manifestações da Cultura pop e suas possíveis relações com a Filosofia. Portanto, sugere-se que pesquisas futuras se aprofundem também em outras áreas, como animações, quadrinhos independentes, mangás, manhwas e animes, a fim de ampliar o escopo de análise e obter uma compreensão mais abrangente dessas interações.

Para concluir, a pesquisa realizada revela que a relação entre Filosofia e Cultura pop, especialmente as histórias de super-heróis, pode proporcionar um retorno social extremamente relevante. Trilhando um caminho pedagógico que enfatiza o exercício da leitura filosófica em suas relações, despertando o interesse pela disciplina e contribuindo para a formação moral, essa interseção permite uma abordagem acessível e envolvente para temas complexos, além de promover uma reflexão crítica e a construção de uma sociedade mais ética e justa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4º Ed. Tradução Edson Bini. São Paulo, SP: Edipro, 2014.

_____. **Ética a Nicômaco**. 1º Ed. Tradução Maria Stephania da Costa Flores. – Jandira, SP: Principis, 2021.

_____. **Política**. 1º Ed. Tradução Torrieri Guimarães. Paulo, SP: Martin Claret, 2017.

_____. **Da Arte Poética**. 1º Ed. Tradução Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo, SP: Martin Claret, 2015.

AMARO, Daniel. **44% da população não pratica o hábito da leitura**. Edição do Brasil. Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2018/10/26/44-da-populacao-brasileira-nao-pratica-o-habito-daleitura/>. Acesso: 13 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BATMAN. EUA: DC Comics, n.1, março. 1940.

BATMAN BEGINS: Adaptação oficial do filme. Barueri, SP: Panini Brasil LTDA, n.1, junho 2005.

DETECTIVE COMICS. EUA: National Periodical (futura DC Comics), n.27, maio. 1939.

DETECTIVE COMICS. EUA: National Periodical, n.38, abril. 1940

DIAS, Igor: **Pesquisas mostram dificuldades e falta de interesse de jovens pelos estudos na pandemia**. Edição do Brasil. Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2022/04/29/pesquisas-mostram-dificuldades-e-falta-deinteresse-de-jovens-pelos-estudos-na-pandemia/>. Acesso: 20 jun. 2023.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1 Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FONSECA, Maria de Jesus. **A Paideia Grega revisitada**. Revista: Millenium, 9, 1998.

FREELAND, Cynthia. **Teoria da arte: uma breve introdução**. 1º Ed. Tradução Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

HOMERO: **Ilíada / Odisseia (box)**. tradução e introdução Carlos Alberto Nunes. - [25.ed.] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

IRWIN, Willian. **Super-heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. 1º Ed. São Paulo, SP: Madras, 2005.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia: a formação do homem grego**/Werner Wilhelm Jaeger; tradução Artur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. –6.ª Ed.–São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MORAES, Fernando R. **Estética filosófica para o ensino médio**. 1 Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2012.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hécio Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo, SP: Makron Books, 1995.

NOLAN, Christofer. **Batman: Begins**. Direção: Christopher Nolan. Warner Bros Picture, 2005. 1 DVD (139 min), color.

NOLAN, Christofer. **Batman: O cavaleiro das trevas**. Direção: Christopher Nolan. Warner Bros Picture, 2008. 1 DVD (152 min), color.

NUNES, César Aparecido. **Da filosofia do Amor ao Amor à Filosofia**. Librum Edições & Editora Brasília, Campinas, 2017, p.1-69.

PAGNI, Pedro Angelo: **Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história**. 1º Ed. São Paulo: Avercamp, 2007.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. 2. Ed. Tradução Henrique C de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Alice de Sousa: **Retrato da leitura no Brasil: somos um país que não lê?** J. Press. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/leitura-no-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2023

STIRN, François. **Compreender Aristóteles**. 3º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TORINO, Luciene Maria. **Travessias filosóficas: um olhar interdisciplinar para a formação no novo ensino médio: Filosofia / Luciene Maria Torino**. 1.ed. – São Paulo, FTD, 2021.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei: **Aristóteles e os Super-heróis: a ética inserida nas histórias em quadrinhos**. 2º Ed. Porto Alegre: Educa Pop, 2021.

_____. **Vamos usar quadrinhos em sala de aula? Os super-heróis invadem a escola**. 1º Ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.